



Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA  
Departamento do Serviço Social - DESSO  
Curso de Serviço Social

**Beatriz Tavares de Almeida**

# **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO ÉTNICO-RACIAL PARA ADOLESCENTES**

Mariana – MG

2022

**Beatriz Tavares de Almeida**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE RECONHECIMENTO  
IDENTITÁRIO ÉTNICO-RACIAL PARA ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da docente Prof.<sup>a</sup> Me. Sheila Dias Almeida.

Mariana – MG

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A447p Almeida, Beatriz Tavares De.  
Práticas de reconhecimento identitário étnico racial para  
adolescentes. [manuscrito] / Beatriz Tavares De Almeida. - 2022.  
58 f.: il.: tab..

Orientadora: Profa. Dra. Sheila Dias Almeida.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

I. Antirracismo. 2. Autoestima em adolescentes. 3. Juventude. 4.  
Negros - Identidade racial. 5. Racismo. I. Almeida, Sheila Dias. II.  
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 323.12

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**BEATRIZ TAVARES DE ALMEIDA**

### PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO ÉTNICO-RACIAL PARA ADOLESCENTES

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social

Aprovada em 24 de outubro de 2022

Membros da banca

Mestre- Sheila Dias Almeida - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto  
Dr<sup>a</sup> - Adriana de Andrade Mesquita - Universidade Federal de Ouro Preto  
Mestre - Carine de Souza Prefeitura de Itabirito

Sheila Dias Almeida orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 24 de outubro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Sheila Dias Almeida, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/11/2022, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana de Andrade Mesquita, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/11/2022, às 11:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Ribeiro de Souza, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/12/2022, às 19:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0433823** e o código CRC **5FBA0F8A**.

Dedico este trabalho aos meus ancestrais que me concederam chegar até aqui, e que um dia irei encontrar. Mas principalmente as crianças e mulheres negras que entendem, ou não, da importância de se lutar em um mundo branco que os tirou tudo, menos a capacidade de pensar e de preservar o avesso: aquilo que ninguém vê. Pois mesmo em um mundo onde a cor da pele transpassa o corpo e sentencia o nosso modo de estar no mundo, medindo suas atitudes e modos de viver, é preciso, de alguma forma, preservar o que não se encaixa nisso e cuidar dos afetos que nos mantêm vivos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a mim mesma por não desistir! Às vezes nem eu acredito em tudo o que passei e escutei para chegar até aqui. Agradeço por me manter forte todas as vezes em que me disseram que eu não sabia o que estava fazendo. Passei a minha vida inteira me dedicando aos estudos e agarrando com muita persistência todas as oportunidades que me eram oferecidas, e isso só fortaleceu-me e ensinou-me a comandar a minha vida e, principalmente, valorizar, respeitar e amar a mulher que sou.

Agradeço a minha mãe que sempre me apoiou, mesmo não entendendo minhas batalhas, mas sempre esteve ao meu lado enfatizando a importância da educação. Ela quem me ensinou a amar a música, ainda que tenha sido a partir dos pagodes dos anos 1990, foi o impulso para me aprofundar na cultura musical que, hoje, é o meu aliado neste trabalho. Obrigada por ser a minha Bruxona!

Sou imensamente grata por todo apoio dado pelos meus avós: Ernst, por acreditar em meus sonhos e me ajudar a voar; e Zaza, por me transmitir paz e aconchego. A todos os meus familiares que, mesmo com a distância, sempre pude contar em todos os momentos. Em especial, meu primo Victor que me aturou e cuidou de mim nesse processo tão árduo que foi a construção desse projeto.

Também quero agradecer aos inúmeros amigos que me acompanharam ou somente passaram pela minha vida, mas que tiveram um papel fundamental nesse processo, como meus colegas do Poliedro, Ana, Thronicke, Basima, Scott, Chapolin, Pedro e Lucryvia.

Mas agradeço, principalmente, a minha segunda família: a República Terra de Godah. Vocês são minhas fortalezas, meus alicerces, minha motivação para terminar a graduação. Em especial, Chora, Franjas, Shimba, Bozena, Lady, Ioná, Lara, Erick e Mary. Sou imensamente grata a vocês!

Gratidão a todos que de alguma forma contribuíram com o meu amadurecimento. Agradeço aos professores que tive, não apenas na graduação, mas ao longo de toda a minha vida. Agradeço em especial o professor Ricardo

Quirino, por entrar em sala de aula com sede de ensinar, pois o seu entusiasmo sempre me instigou a aprender; ao professor Roberto Coelho, pelo apoio total ao meu projeto e por sempre acreditar em meu potencial; e a professora Daniella Borges, que foi o meu primeiro contato com o serviço social e que me despertou uma paixão imensurável pela profissão. Vocês foram essenciais para minha chegada até aqui.

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que muito me ensinou e que tenho muito orgulho por fazer parte de algo tão importante, grandioso e representativo. Essa instituição abriu portas inimagináveis que jamais se fecharam.

Meus mais sinceros agradecimentos aos professores (as) da banca examinadora, por dedicar um tempo à leitura atenta do meu valoroso trabalho e por fazerem parte deste processo, e as minhas orientadoras Jussara Lopes por iniciar essa construção ao meu lado e a Sheila Dias por me auxiliar nesse desfecho tão importante da minha vida.

E por fim, agradeço pela oportunidade de estagiar na Casa da Criança de Caragatatuba. Uma experiência singular e desafiadora que tive a chance de vivenciar. Digo desafiadora, pois sempre tive grande dificuldade em articular com crianças, e na instituição pude desenvolver e melhorar essas minhas barreiras. Os ensinamentos serão para a vida toda. Aqui, conheci pessoas fantásticas, desde os funcionários sempre muito acolhedores, até as crianças e os adolescentes que são a alegria da casa e que me motivaram a implementar o projeto, principalmente a Khimberlly, onde encontrei inspiração para fazer sempre o melhor: "TRAAAA"!

Como Atlas sinto a responsabilidade nas costas  
Me perguntam, mas não tenho resposta  
Jovem demais pra ser representante de algo  
Você se parece comigo por que me vê como alvo  
A internet lembra minha cidade, guerra de bairros  
Negros fazendo outros negros serem cancelados;  
Cantamos sobre o que acontece  
Vejo que poucos mudaram  
Quantas vezes você já foi amado?  
Cantar sobre amar talvez seja mais revolucionário  
Sobre os amigos que matariam por mim ou sobre o sonho de um carro  
Nossa gente vencer, tem que deixar de ser raro;  
Nem se a policia me pedir para parar eu paro  
Me recordo dos meus ancestrais, todos continuaram  
Me culpavam por crimes que não cometi e isso é tão errado  
Pensei em desistir, mas me acostumei com o peso de ser odiado  
Só porque eu venci querem que eu me sinta culpado  
Tudo bem, sempre fui maltratado  
Ter autoestima sendo como eu, se tornou pecado  
[...] Eu sinto tanta raiva que amar parece errado.

Baco Exu do Blues (2022)

## RESUMO

Preconceitos e discriminações, infelizmente são (re) produzidos historicamente e desdobram-se nos diferentes espaços da vida coletiva, mostrando-se presentes também no convívio escolar. O intuito deste trabalho é compreender estas questões como fundamentais da educação e dos Direitos Humanos, a fim de trazer uma abordagem geral da discriminação racial, do respeito com o outro e com si próprio, valorizando o convívio pacífico e a heterogeneidade. O que se apresenta nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são informações acerca da atividade desenvolvida e vivenciada na assistência socioeducativa, durante a intervenção profissional exigida para a formação no decorrer do processo de estágio e elaborada na instituição Casa da Criança de Caraguatatuba - SP, de modo a valorizar a interdisciplinaridade. Para isso, foram utilizados como base os (as) autores (as): Bell Hooks (2010; 2019), Édila Maria dos Santos Matos (2015), Márcia Campos Eurico (2018) e Silvio Luiz de Almeida (2018). Em um primeiro momento deste trabalho, pretende-se aprofundar o questionamento acerca da identidade brasileira a partir do cenário Brasil colonial e buscar formas de como superar esse condicionamento, localizando e enfrentando os preconceitos e discriminações raciais que transcorrem diferentes esferas da vida coletiva, produzidos social e historicamente. Já o segundo momento é utilizado para que esses adolescentes compreendam a importância de se valorizar a pretitude e que fora deste ambiente socioeducativo eles irão vivenciar uma realidade de racismo e preconceito e que precisarão estar preparados para isso. Muito além disso, entender a nossa formação cultural com o intuito de desmistificar a cultura africana que originou a cultura brasileira com a finalidade de elevar a autoestima e o reconhecimento identitário da juventude negra. Como metodologia, foram realizados três encontros no mês de maio, chamados de “semana de recreação”, que contou com uma hora cada aula. Apresentamos três temas centrais, um para cada encontro: uma visão crítica da construção sócio-história do Brasil. Através do diálogo, exercitamos uma reflexão sobre frases racistas e a musicalidade antirracista; também houve uma breve apresentação da cultura africana através da dança; e um trabalho sobre a necessidade de reconhecer a “beleza Afro”, objetivando valorizar a autoestima preta.

**Palavras-chave:** Racismo. Pretitude. Antirracismo. Juventude. Autoestima.

## ABSTRACT

Prejudices and discrimination, unfortunately, are (re) produced historically and unfold in different spaces of collective life, also being present in school life. The purpose of this work is to understand these issues as fundamental to education and Human Rights, in order to bring a general approach to racial discrimination, respect for others and for oneself, valuing peaceful coexistence and heterogeneity. What is presented in this Course Completion Work (CCW) is information about the activity developed and experienced in socio-educational assistance, during the professional intervention required for training during the internship process and elaborated at the institution Casa da Criança de Caraguatatuba - SP , in order to value interdisciplinarity. For this, the authors used as a basis: Bell Hooks (2010; 2019), Édila Maria dos Santos Matos (2015), Márcia Campos Eurico (2018) and Silvio Luiz de Almeida (2018). In a first moment of this work, it is intended to deepen the questioning about Brazilian identity from the colonial Brazil scenario and to seek ways of overcoming this conditioning, locating and facing racial prejudices and discriminations that occur in different spheres of collective life, produced socially. and historically. The second moment is used for these adolescents to understand the importance of valuing blackness and that outside this socio-educational environment they will experience a reality of racism and prejudice and that they will need to be prepared for this. Much more than that, understanding our cultural formation in order to demystify the African culture that originated Brazilian culture in order to raise the self-esteem and identity recognition of black youth. As a methodology, three meetings were held in May, called “recreation week”, which had one hour each class. We present three central themes, one for each meeting: a critical view of Brazil's socio-history construction. Through dialogue, we exercise a reflection on racist phrases and anti-racist musicality; there was also a brief presentation of African culture through dance; and a work on the need to recognize “Afro beauty”, with the aim of valuing black self-esteem.

**Keywords:** Racism. Blackness. Anti-racism. Youth. Self esteem.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CAPÍTULO I: UMA VISÃO CRÍTICA DA CONSTRUÇÃO SÓCIO- HISTÓRICA DE ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	19
1.1. Terra à vista.....	19
1.2. Da escravidão indígena ao negro africano.....	21
1.3. As máscaras da abolição.....	22
1.4. Cicatrizes do embranquecimento.....	23
1.5. Expressões racistas no cotidiano.....	25
1.6. Lei Federal 10.639/03.....	28
2. CAPÍTULO II: A ATUAÇÃO PROFISSIONAL COMO FERRAMENTA PARA A GARANTIA DE DIREITOS.....	29
2.1. O papel do assistente social em uma instituição socioeducativa.....	29
2.2. Inspirações históricas.....	33
2.3. A construção de novas perspectivas.....	36
2.4. A cultura africana através da dança.....	38
2.5. A força que vem da raiz: a valorização da beleza negra como estratégia de empoderamento.....	41
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
5. REFERENCIAS MUSICAIS.....	57

## INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória acadêmica, pude experienciar as intensidades de uma vida universitária. Sair de uma cidade pequena, localizada em Caraguatatuba/SP, em busca de melhores oportunidades, e encontrar na UFOP um polo estudantil rico em conhecimento e diversidade, foi uma das melhores experiências que já vivi. Além disso, morar em uma república me proporcionou conviver e conhecer o outro com mais empatia, tolerância e respeito às divergências, auxiliando-me na construção do meu “eu” pessoal e profissional.

(In) felizmente, com a pandemia do COVID-19<sup>1</sup> as aulas foram suspensas e com o tempo cada um foi seguindo seu caminho, onde tive que retornar para Caraguatatuba. Com a volta às aulas, mas em formato remoto<sup>2</sup>, dispus da oportunidade de estagiar em minha cidade. Com isso, pude conhecer a instituição Casa da Criança de Caraguatatuba e todos que a compõe.

Antes de qualquer coisa, é importante salientar que devido à pandemia do Covid19, o trabalho profissional, bem como o estágio e a supervisão de campo foram realizados remotamente e que, por essa razão, parte do meu estágio é oriunda das minhas supervisões individuais e coletivas realizadas via plataforma virtual com o supervisor, bem como longas conversas via whatsapp<sup>3</sup> advindas de questionamentos sobre o trabalho profissional, dos meus diários de campo e da participação da minha supervisora de campo, Sandra Regina de Sá, na disciplina de Processos de Trabalho e Serviço Social, ministrada pelo supervisor acadêmico Prof. Drº Roberto Coelho do Carmo.

As demandas da instituição em concordância com as intervenções necessárias somaram ainda mais na formação da produção do conhecimento, expandido de leituras referentes à assistência socioeducativa e debates realizados na oficina de estágio III auxiliou ainda mais para o entendimento do exercício profissional e possibilidades para atuação dentro desse campo.

---

<sup>1</sup> Corona Virus Disease 2019.

<sup>2</sup> Ensino a distância com aulas virtuais.

<sup>3</sup> É um aplicativo alternativo para o sistema de SMS (Serviço de Mensagens Curtas, em inglês 'Short Message Service) desenvolvido para trocas de mensagens e comunicação via áudio e vídeo pela internet.

Nunca contei de muita afinidade com crianças, mas ao adentrar na instituição e conhecer os jovens a partir de uma perspectiva mais madura e profissional, pude compreender mais sobre a realidade e as necessidades de cada um. Por isso, o que se apresenta nesse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) são informações acerca da atividade desenvolvida e vivenciada na assistência socioeducativa, durante a intervenção profissional elaborada na instituição Casa da Criança de Caraguatatuba – São Paulo. Juntamente com a assistente social Sandra Regina de Sá, e como se deu o projeto de intervenção<sup>4</sup>.

Esse projeto foi pensado e elaborado a partir das vivências e experiências que obtive na realização do estágio. Foi atuando durante três períodos em campo de estágio na instituição Casa da Criança de Caraguatatuba, situada na cidade de Caraguatatuba, em São Paulo, que identifiquei a necessidade de um projeto que enaltecesse a cultura e a ancestralidade negra. Que, além disso, estimulasse a melhora da autoestima e que encorajasse o reconhecimento identitário dos adolescentes negros da instituição.

O objetivo desse projeto é localizar e enfrentar os preconceitos e discriminações raciais que transcorrem diferentes esferas da vida coletiva, produzidos social e historicamente, situando-se também no convívio escolar, a fim de fundamentar a educação, os Direitos Humanos e, principalmente, a valorização da diversidade. Engenhando um caminho de entendimento teórico, mas também de intervenção efetiva nessa realidade, por meio de políticas sociais objetivas a essa expressão da “questão social”, na atual fase do capitalismo.

A Casa da Criança de Caraguatatuba, onde atuei como estagiária, foi fundada em 06 de dezembro de 1984 por um grupo de pessoas com o objetivo de atender crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, na faixa etária de 06 e 17 anos, conforme a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistencial, encaminhados pelo Conselho Tutelar, pela Assistência Social, escolas e comunidade com finalidade não econômica, reconhecida de utilidade pública pela Lei Municipal nº1568 de

---

<sup>4</sup> Exigido para a conclusão de curso e desenvolvido durante o processo de estágio.

24/04/1989, inscrita pelo CNPJ nº 50.322.544/0001-48, inscrita no Conselho Municipal de Assistência Social sob o nº 004 desde 04/07/2005<sup>5</sup>.

Anualmente a Casa da Criança de Caraguatatuba atende aproximadamente com cerca de 3.000 (três mil) pessoas e famílias, crianças e adolescentes através de oficinas recreativas como: artesanato, dança, música, instrumentos musicais, capoeira, circo, espanhol, mangá, brinquedoteca, e para as famílias cursos de panificação, corte e costura, pintura em tecidos, artesanato em taboa, além de grupos sócio educativos com psicólogas para as crianças, adolescentes e famílias. Tendo em vista o alto índice de demanda em outros bairros, além dos núcleos nos bairros do Caputera, Jardim Gaivotas e Barranco Alto, para o desenvolvimento de ações relacionadas ao fortalecimento de vínculos familiares.

A Casa da Criança de Caraguatatuba é uma instituição socioeducativa que possui como foco evitar e/ou retirar crianças e adolescentes em vulnerabilidade social das ruas, aplicando e desenvolvendo atividades que complementam o seu crescimento e formação social, prevenindo-os de uma possível marginalização. Essa que é algo recorrente dentro do meio social dessas comunidades, em sua maioria, voltada para as periferias. A instituição também faz o trabalho de reestabelecer e preservar vínculos familiares, agregando atividades profissionalizantes as mães, aos pais e responsáveis desses usuários.

O projeto Fortalecimento de Vínculos Familiares destina-se a participação efetiva e colaboração dos pais na ONG Casa da Criança de Caraguatatuba que, por sua vez, é composta por pedagogos (as), assistentes sociais, psicólogos (as), orientadores (as) sociais e técnicos (as) administrativos. Através de oficinas, ministradas pelos (as) orientadores (as) sociais, esperando promover a integração, troca de experiências, bem como atualização e discussões sobre a importância e aproveitamento do mesmo. A família como espaço de construção da identidade dos cidadãos, firmando parceria com a entidade para juntas promoverem o desenvolvimento pleno da criança e do adolescente, é através dessa participação que se desenvolve a consciência social crítica e também o sentido de cidadania.

---

<sup>5</sup> Fonte: documento físico disponibilizado pela instituição Casa da Criança de Caraguatatuba.

Em suma, enquanto os responsáveis trabalham ou buscam por uma fonte de renda, seus tutorados estudam meio período em escolas públicas pela região e, no outro período, frequentam e participam das atividades desenvolvidas pela instituição Casa da Criança de Caraguatatuba. São famílias pobres que, em sua maioria, são coordenadas por mães solo em diferentes realidades, buscando o melhor pelo crescimento destas crianças e adolescentes. Indivíduos, que por sua vez, exteriorizam suas carências e necessidades, inclusive de afetos e de oportunidades.

Devido à pandemia do COVID-19 a Prefeitura de Caraguatatuba por meio da Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania decretaram o cessamento dos atendimentos presenciais e a diminuição dos servidores, a fim de evitar aglomerações e riscos de contaminação. Dessa forma, os serviços da Casa da Criança de Caraguatatuba, assim como em outras instituições, ficaram extremamente limitados. Uma instituição que antes recebia e acolhia crianças e adolescentes com diversas aulas, jogos e brincadeiras socioeducativas, passou a interagir de maneira virtual, com vídeos e imagens. E os cursos que antes eram ofertados para as famílias, deixam de acontecer por um determinado tempo.

A supervisão de campo se dá com a orientação, participação do estagiário no cotidiano diário da função de assistente social em uma instituição com elaboração de relatórios e o enfrentamento das dificuldades enfrentadas nesta situação de pandemia no país. O estagiário tem que realizar as atividades propostas, sintetizar os documentos pesquisados e estudar várias leis e artigos para fundamentar o embasamento, além de verificar as ações profissionais dentro da área e a questão da instrumentalidade de cada profissional. Essa que pode ser diversificada e adaptada a cada área de atuação e realidade social, comunitária e política da região em que está inserida e que denota um serviço social moderno e descentralizado, atuante nas áreas sociais, saúde, educação, previdência e entre outras.

Outro ponto de relevância é o entendimento de que o assistente social é chamado a trabalhar em diversas áreas da nossa sociedade, buscando uma política inovadora, ampliando e se qualificando para aplicar uma escuta social de qualidade, uma análise documental crítica construtiva, observando por meio de visitas domiciliares e institucionais com vista à articulação social nas diversas redes de atendimento e sempre promovendo um trabalho em equipe e com respeito à

interdisciplinaridade. É uma profissão que, como bem coloca Marilda Iamamoto (1996), requer um profissional qualificado, que reforce e amplie a sua competência crítica - não só executivo -, mas que pensa, analisa, pesquisa e decifra a realidade, pois articular a profissão e a realidade é um dos maiores desafios do Serviço Social.

Acredito que as maiores limitações da instituição, nesse cenário de pandemia, é a falta de recursos e conhecimentos tecnológicos para expandir e melhorar a qualidade desses serviços. Além da falta de acesso aos meios tecnológicos dos usuários, até porque se trata de pessoas em situação de problemas sociais, principalmente econômicos. Em contrapartida, essa é a movimentação da realidade em que vivemos. Dentro de minhas possibilidades mentais, tentei fazer essa análise institucional de forma mais objetiva, e consigo afirmar com clareza que a falta de contato pessoal com os usuários repercutiu, de certa forma, na falta de uma descrição mais detalhada a respeito do perfil desses usuários, por exemplo. Estagiar em tempos de pandemia é desafiador e expressa também a contradição existente entre uma formação de qualidade e uma necessidade que possuo de concluir minha graduação.

Com o fim do isolamento social, as atividades voltaram a funcionar como eram antes. Assim, pude compreender as vivências de uma instituição socioeducativa em diferentes perspectivas. Presenciar e conviver com as crianças e adolescentes da instituição faz com que enxerguemos as dificuldades vividas cotidianamente pelos usuários, e como os pais, os educadores, os técnicos e os assistentes sociais lidam com essas diversidades.

O público alvo deste projeto são os meninos e as meninas adolescentes, entre 12 e 17 anos, que estão inseridos no projeto socioeducacional da instituição Casa da Criança de Caraguatatuba - SP. São no total quarenta jovens, mais uma psicóloga, uma orientadora social e uma assistente social.

É com extremo prazer e orgulho que ministrei esse projeto com esses jovens surpreendentes, pois foi com eles que pude aprofundar os questionamentos acerca do racismo<sup>6</sup> que está enraizado em nossa sociedade. Juntos, soubemos pensar em

---

<sup>6</sup> “[...] racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2018, p.25).

formas de como superar esse condicionamento. Um importante passo foi compreender o racismo estrutural<sup>7</sup> a partir da colonização dos portugueses sob o Brasil, fazendo críticas às visões eurocêntricas ensinadas nas escolas.

A normalização do racismo é o que faz com que ele seja estrutural, por isso é preciso compreender as dinâmicas das relações sociais. Mas muito além disso, entender e respeitar a cultura africana e afro-brasileira com o intuito de valorizar os costumes e estilos de vida provenientes dessa ancestralidade, a fim de promover o reconhecimento identitário. E assim, elevar a autoestima e viabilizar a emancipação dessa juventude negra.

Os encontros foram feitos no formato de roda de conversa em uma semana de recreação, logo, foram realizados três encontros no mês de maio, com duração de uma hora cada aula. Foram apresentados três temas centrais, um para cada encontro: uma visão crítica da construção sócio-história eurocêntrica de escravidão e da exclusão do povo negro no Brasil, e das consequências que se perpetuam até os dias atuais, com diálogo e reflexão sob frases racistas e musicalidade antirracistas; uma parcial apresentação da cultura africana através da dança; e trabalhar com a necessidade de se reconhecer a beleza Afro, a fim de melhorar e valorizar a autoestima preta.

Como referenciais teóricos foram utilizados diversos autores (as), mas destacam-se o Silvio Luiz de Almeida (2018) para compreensão de Estado<sup>8</sup> e sobre o que é o racismo estrutural. Também foi de grande importância à tese de doutorado da Márcia Campos Eurico (2018) sobre o racismo institucional no cotidiano de crianças e adolescentes negras (os), assim como as obras de Bell Hooks (2010; 2019).

A avaliação das rodas de conversa, das oficinas culturais, palestras e atividades foram feitas verbalmente ao final de cada atividade com a assistente social e psicóloga da instituição, considerando o tempo da atividade e sua metodologia, a fim de possuir um controle das ações e possíveis reparações.

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018 (p. 15 -16).

<sup>8</sup> Estado como formas sociais materializado nas instituições. “[...] é a ‘condensação material de uma relação social de força’” (ALMEIDA, 2018, p. 29-70).

TABELA - 1

<b>Atividades</b>	<b>09/05</b>	<b>10/05</b>	<b>13/05</b>
Roda de conversa	X		
Oficina de dança		X	
Oficina da beleza afro			X
Avaliação e controle	X	X	X

Assim, o primeiro capítulo é construído a partir de questões norteadoras: Será que todos somos iguais? Será que todos são vistos, tratados, julgados com igualdade? Para que pudéssemos fazer essa análise enxerguei a necessidade de “voltarmos no tempo” e percorrer por alguns acontecimentos da construção sócio-histórica do Brasil. Pois é de extrema importância entender o porquê de a condição territorial ser tão relevante quando se trata do racismo neste país e, principalmente, analisar a visão eurocêntrica imposta desde a escolarização. Ressalta-se aqui, que as mediações desses diálogos foram feitas a base de perguntas feitas a eles para que instigassem as dúvidas, a fim de impulsionar o raciocínio desses jovens.

Após a discussão e a análise desse percorrer histórico, é de extrema necessidade refletir sobre expressões racistas ainda utilizadas no cotidiano brasileiro, a fim de formar um senso crítico e realista que afronte a discriminação racial. Pois a luta contra a desigualdade racial carece também da mudança de hábitos preconceituosos. Mesmo com a Lei do Racismo em 1989<sup>9</sup>, é difícil combater o racismo velado<sup>10</sup> que está estruturado e, por isso, de difícil mudança.

<sup>9</sup> A execução do racismo infelizmente ainda é tangível na sociedade brasileira. Por isso, a Constituição Cidadã de 1988 se atentou em garantir os direitos e as liberdades individuais, e em assegurar sua concretização com punições que violem esses direitos. Assim, o Inciso XLII do Artigo 5º da Constituição Federal, juntamente com a Lei do Racismo (Lei nº7.716/1989), definiu o racismo como crime inafiançável e imprescritível.

<sup>10</sup> Segundo Silvio Almeida (2018), o racismo velado ou discriminação indireta “é um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada – discriminação de fato -, ou sobre a qual são

Para o segundo capítulo, cabe compreender a importância do assistente social na área da educação; o dever em concretizar o estudo da cultura africana e de entendê-la como fundamental para a formação do Brasil, e como essas questões permeia o reconhecimento identitário étnico racial da formação de cidadãos. Assim, foram concretizadas aulas que tornaram a aprendizagem mais dinâmica e didática para os alunos da Casa da Criança de Caraguatatuba, com: frases racistas escritas em papéis e sorteadas entre eles, aula de dança africana e cuidados com os cabelos e a beleza afro. Atividades desenvolvidas para que juntos pudessem assimilar sobre as origens de formação brasileira e cultural que atravessam nossa modernidade.

Assim, pretende-se aprofundar o questionamento acerca do racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira e buscar formas de como superar esse condicionamento, compreendendo esse racismo estrutural na sociedade a partir de uma reflexão da “questão social”. Muito além disso, entender a cultura africana e afro-brasileira com o intuito de valorizar a interdisciplinaridade com a finalidade de elevar a autoestima e o reconhecimento identitário da juventude negra.

## **1. CAPÍTULO I: UMA VISÃO CRÍTICA DA CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DE ESCRAVIDÃO NO BRASIL**

Este capítulo possui como proposta abordar uma breve discussão sobre a formação sócio-histórica do Brasil. Em que se apresentam algumas reflexões críticas sobre Estado, Igreja e sociedade. Esta direção é tomada para compreender a importância e a preocupação em torno do fortalecimento da identidade étnico racial como uma necessidade social que surgiu de minhas inquietudes enquanto pesquisadora, no decorrer da minha atuação como estagiária no projeto socioeducativo da instituição Casa da Criança de Caraguatatuba/SP, com adolescentes de baixa renda.

### **1.1. Terra à vista**

---

impostas regras de ‘neutralidade racial’ [...] sem que se leve em conta a existência de diferenças sociais significativas” (p.26).

Em 1500 tivemos a “descoberta” do que futuramente chamaríamos de Brasil. Mas como chamar de descoberta se os indígenas já estavam aqui? A história brasileira é fundamentalmente escrita a partir de uma visão hegemônica europeia, principalmente portuguesa. Essa versão trouxe muito peso para a verdade histórica dos povos que habitavam e para os que vieram a habitar o Brasil após a chegada dos portugueses.

Há um protagonismo de resistência indígena e negra<sup>11</sup>, uma luta árdua contra a escravidão no Brasil. Segundo Bezerra (2018), os indígenas possuíam um conhecimento territorial implacável, além disso, sua cultura nativa de subsistência, sua divisão sexual de trabalho, o contato com as doenças europeias que levaram a altas taxas de mortalidade e o aumento do comércio de africanos escravizados, conduziram a proibição da escravidão indígena entre os séculos XVII e XVIII. Até no momento presente, muitos estudiosos enfrentem as dificuldades e os obstáculos da incorporação dos indígenas na historiografia brasileira na condição de sujeito e impulsionadores da história brasileira (ALMEIDA, 2017). Assim, a expressão “descobrimento” desvaloriza que naquele momento os povos indígenas já povoavam essas terras há tempos.

A grande problemática parte de uma série de elementos: sistema capitalista, Igreja e Estado. São as transformações capitalistas que impunha necessidade de dominação e exploração, onde o Estado é que funciona como mediador dessa relação entre capitalismo e classe trabalhadora. Já a Igreja, principalmente Católica, foi quem assegurou tal ideologia de dominação e justificava as atrocidades da escravidão, argumentando que esse era um processo de busca pela evolução das sociedades atrasadas.

A Igreja Católica condenava a tudo que se opunha ao que ela pregava como certo ou errado. Portanto, se um país como Portugal que, principalmente durante os séculos das navegações, carregavam costumes, cultura e moral católica, encontrassem terras desconhecidas à Europa, eram vistas como “terra de ninguém”. Nesse cenário de desencontro cultural, que se inicia a colonização portuguesa no

---

<sup>11</sup> Quanto à resistência negra é cabível considerar a capoeira e a admirável formação de quilombos (comunidades e reinos fortemente defendidos e organizados), como Palmares.

Brasil, em uma sucessão massiva de extermínio indígena, marcado pela violência colonial. A partir dessas conversas, concluímos que a chegada dos portugueses não foi bem uma descoberta, mas sim uma invasão.

Como a ciência ainda não havia se desenvolvido a ponto de explicar fatos e eventos relacionados as diferenças humanas, a Igreja Católica se colocava nesse lugar, onde a sua verdade era absoluta, já que ela supostamente representava as vontades de Deus. Com isso, a Igreja doutrinou os indígenas a força, impondo suas crenças e seus valores a essa desconhecida civilização. Aos que se opunham as suas ideologias, restavam-lhes a escravidão ou a morte.

## **1.2. Da escravidão indígena ao negro africano.**

A escravidão indígena foi o primeiro experimento de exploração da Coroa portuguesa no Brasil, onde os portugueses se depararam com diversos obstáculos na captura dos indígenas, pois esses conheciam muito bem o território e, também, possuíam uma cultura de trabalho incompatível com a dos europeus, que por sua vez era intensivo, regular, compulsório, contínuo e de produtividade acumulativa. Além disso, havia os empecilhos postos pelos jesuítas que defendiam os indígenas para que estes fossem catequizados (RAMOS, 2021, p. 606).

O fracasso dessa exploração levou a Europa a modificar seu sistema escravagista, apoderando-se da escravidão negra africana, tendo em vista a lucratividade do tráfico negreiro, justificando essa atrocidade com base em textos bíblicos, fazendo-os se sentir no cumprimento de um dever moral, social e religioso. Acreditavam que a conversão para o cristianismo os livraria e salvaria os negros das maldições e castigos por um pecado praticado por seus descendentes - relatos utilizados convenientemente pela Igreja Católica (RAMOS, 2021, p. 606).

Existem algumas teorias da maldição dada por Deus para que os negros pudessem ser escravizados, já que lançou Noé sobre seu filho Cam, uma praga ao qual maldisse, que sua geração futura fosse sujeita a todas as outras gerações do mundo, como servos e escravos, seriam então os africanos essa geração maldita, e deveriam servir para sempre como tal (RAMOS, 2021, p. 606).

Em suma, a sociedade brasileira estava se estabelecendo na família patriarcal, no latifundiário da monocultura e na escravidão. Neste último, a Igreja contribuiu significativamente, não apenas

[...] pela defesa da necessidade da escravidão para o desenvolvimento do Brasil e para a sua evangelização, mas também e principalmente, pela introjeção da consciência escrava nos negros e da aceitação da sua situação imposta pelo senhor. O substrato teológico sobre o qual se desenvolveu o anúncio, foi uma teologia da retribuição onde a dor e o sofrimento deveriam ser aceitos com paciência e obediência por parte dos escravos, na esperança e na certeza de uma retribuição proporcional dada por Deus após a sua morte (VASCONCELOS, 2005, p. 40).

Segundo Pacheco (2010), essa compulsão pela sujeição do escravo negava-lhes a sua individualidade, por tanto, preservar sua cultura era uma maneira de resgatar essa individualidade perdida. No entanto, o sistema colonial já efetivava uma estratégia informal de inibição: proibindo aglomerações de escravizados; condenando cultos religiosos; separando família, amigos e etnias para dificultar a comunicação; incentivando a delação dos próprios escravizados; submetendo-os a longas horas de trabalho forçado, bem como escassez alimentar, higiênica e de outras formas de cuidado. Um sistema que se perpetuou por longos anos a fim de aliena-los da sua condição de escravizados.

### **1.3. As máscaras da abolição.**

Essa despersonalização ainda não foi superada, pois o povo negro ainda carrega cicatrizes políticas, econômicas e racistas, deixadas pela desumanização concretizada pela Igreja Católica. Após séculos dessa exploração, a Europa que passara pela Revolução Industrial enfrentava um novo sistema de livre comércio pelas nações, conduzindo o abolicionismo ao seu favor com o intuito de por fim a escravidão que, por sua vez, não era mais viável para o novo sistema de circulação monetária. Somente em 1888, a abolição da escravidão foi finalmente decretada no Brasil, após ataques internos e externos.

O sistema escravista foi mantido através da legislação e prática repressiva, havendo como consequência uma série de ideias e valores com o sentido de reforçá-lo. Juridicamente, o negro escravizado não possuía direito, por ser considerado coisa e não pessoa. Então esse reforço era necessário, visto que a escravidão alijava alguns princípios europeus de liberdade e igualdade. Por isso, se fez necessário justificar a escravidão através de ideologias que se popularizaram desde a filosofia de Platão e Aristóteles, que defendiam a inferioridade intelectual como base para a escravidão, até a religiosidade de Santo Ambrósio e Santo Agostinho que afirmavam que a escravidão era castigo dado pela perda da graça divina. Assim, os europeus agregaram-se a esses ideais de sustentação à escravidão, acrescentando outros matizes, como o preconceito racial que se baseava na inferioridade da raça negra (PACHECO, 2010, p. 25).

Mesmo com a abolição no Brasil, as ideias que haviam sido constituídas durante anos sobre o povo negro e a sua cultura, em diferentes estruturas sociais, não mudariam sua forma de pensar e julgar o povo negro como algo diferente do que vinha sendo imposto por séculos. A população negra foi libertada da senzala, mas ficou refém de uma legislação que lhes davam alguns benefícios paliativos, e de uma sociedade excludente e racista. Então, se o país não queria assalariar e nem ao menos lhes conceder terras: o que fazer com esse contingente de escravizados? Assim, o povo negro foi excluído das funções sociais mais expressivas e enviado para as “periferias e trabalhos informais, gerando marginalidade, pobreza e subdesenvolvimento” (PACHECO, 2010, p. 31).

Isso se intensificou ainda mais com o ideal de branqueamento, que visava acabar com o processo de mestiçagem que pluralizava as raças e mesclas culturais no país. Como a mestiçagem é um processo impossível de por um fim, dada a formação histórica, a mistura de raças passou a ser bem vista com o argumento que a raça branca era geneticamente superior, por isso, dominaria como fenotípico. Assim, a inserção as classes brancas de pessoas com ancestralidade negra seriam facilitadas caso as características físicas fossem “embranquecidas”. E assim, surge a política de branqueamento.

#### **1.4. Cicatrizes do embranquecimento.**

A política de branqueamento foi a justificativa que mascarava os interesses das classes brancas em embranquecer a sociedade brasileira, trazendo a necessidade de substituição da mão de obra no país. Então, ao invés de empregarem os negros que já estavam aqui, decidiram por efetuar a imigração de brancos europeus. Evidentemente o branqueamento não teve êxito, no entanto, deixou enraizada a perspectiva de exclusão do povo preto, afetando a busca pela identidade da “negritude e mestiçagem”, onde muitos procuravam introduzir-se na identidade branca, julgando-a extraordinária.

Em concordância com a autora Cida Bento, em seu artigo “Branqueamento e branquitude no Brasil”<sup>12</sup> (2002), ela conceitua branqueamento como:

[...] um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais (BENTO, 2002, p.1-2).

A naturalização das desigualdades raciais que se desenvolveram no percurso histórico, tanto em vínculos políticos como sociais, distorceram as características singulares do povo negro brasileiro, negando os mais variados estereótipos. O mais importante desse contexto para a prática pedagógica é fazer com que os adolescentes compreendam que algumas de suas práticas cotidianas e feições físicas são tradicionais de comunidades que vieram ao longo dos anos se miscigenando desde o período da escravidão, e que mesmo depois da abolição o branco imigrante veio para o Brasil com incentivos para viver aqui, enquanto o negro, não. Sua liberdade foi dada, mas o acesso a terra não foi concedido, tanto que até os dias atuais muitas comunidades remanescentes de quilombo lutam pela sua titulação de terra, assim como também existem muitos negros morando na região periférica: fruto do racismo institucional<sup>13</sup>.

O racismo estrutural é uma das expressões mais complexas de serem abordadas no Brasil. Segundo Silvio Almeida (2018), o racismo:

É uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e

---

<sup>12</sup> BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

<sup>13</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018.

processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que “ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2018, p.38-39).

Entrar em um restaurante e encontrar os negros trabalhando na cozinha ou na limpeza é algo corriqueiro, raro é encontra-los usufruindo de um prato de comida. Encontrar nos presídios superlotados uma maioria esmagadora negra ou enxergar que a maioria das pessoas em situação de rua são negras, são ações que foram naturalizadas porque o Brasil é construído em cima desse racismo.

Atualmente, o que existe no país é um racismo velado, oculto em público, mas não se atentarmos aos pequenos detalhes: nas conversas entre amigos, nas atitudes irregulares em uma abordagem policial e nas sutis diferenças entre os tratamentos em que negros e brancos são expostos na sociedade. Por isso, é válida a reflexão: quem você convida para jogar videogame na sua casa? Quem você convida para a sua festa de aniversário? Em um país onde, no mínimo, 54% da população são negros, não é normal ter apenas pessoas brancas no seu círculo de amizades (IBGE, 2010). Fica aí essa reflexão!

### **1.5. Expressões racistas no cotidiano.**

Existem frases que carregam uma memória de dor e sofrimento para o povo negro, como: o criado mudo, que atualmente é um inofensivo móvel que fica ao lado da cama, mas que no período colonial originou-se com a utilização de escravizados que eram submetidos a segurar objetos para os seus donos. Sustentando o silêncio, ao lado da cama como um móvel da casa, de maneira a serem objetificados e desumanizados pelos brancos. Já a expressão “feito nas coxas”, que hoje é utilizado para expressar algo que foi mau feito, originou-se da escravidão em que esses produziam e moldavam telhas em suas coxas, no entanto, o tamanho dos corpos são diferentes, por isso as telhas saíam com tamanhos e encaixes desiguais, daí se dá a expressão. Até o “meia tigela” surgiu na época da monarquia portuguesa, onde os escravizados da mineração que não cumprissem com o trabalho eram castigados com meia tigela de comida, e agora possui significado de pouco valor, insignificante, medíocre.

Ainda vivem na sociedade expressões que lidam com o preto de maneira pejorativa, empregando a palavra “preto” como algo ruim. Por exemplo: “serviço de preto” que simboliza uma tarefa errada ou malfeita; “mercado negro” e “ovelha negra” que refletem a algo prejudicial e ilegal. Associações racistas que negam toda a identidade e bagagem do povo preto.

Ainda nessa questão, tiveram algumas expressões que para enaltecer esses debates resolvi acrescentar a musicalidade com o intuito de instigar e engrandecer as reflexões desses jovens. Dessa forma, na expressão “a coisa tá preta” que relaciona o preto a um contexto de desagradável, perigoso e desconfortável, usufruí da música “A coisa tá preta”, da ilustríssima cantora Elza Soares com participação da MC Rebecca, lançada em 2020.

Na canção, as artistas ressignificam adjetivos que são pejorativos à negritude, envolvendo significados positivos nas expressões, como é o caso de *“Por que que a fome é negra/ Se negra é a beleza?/ Se todo mundo canta e tá feliz/ É que a coisa tá preta”*. E ainda reforçam a importância de compreender o passado para se entender no presente: *“Quem não sabe de onde veio, não sabe pra onde vai”*. Ambas as artistas são exemplo de que a pretitude<sup>14</sup> deve remeter a beleza e a positividade.

Também existem os que se utilizam da palavra “branco” com o intuito de suavizar ou “aprimorar” um contexto, bem como na expressão “inveja branca”. Inveja é algo ruim, mas se “branca” for utilizada a inveja fica suavizada, porém ao negro fica imposto um comportamento negativo. Na frase “amanhã é dia de branco”, em uma das muitas explicações, possui uma essência preconceituosa a fim de convencer a suposta inferioridade dos negros.

Já na sentença “preto de alma branca”, há uma tentativa de elogio aos negros fazendo alusão à dignidade destes como algo próprio de pessoas brancas. Para melhores reflexões, utilizei-me da canção “Identidade” do artista Jorge Aragão, lançada em 1992, onde ele cita *“Se o preto de alma branca pra você/ É o exemplo da dignidade/ Não nos ajuda, só nos faz sofrer/ Nem resgata a nossa identidade”*. Canção mais que perfeita para compreender sobre a aceitação e o reconhecimento identitário do povo preto, de que sua raiz familiar possui uma ancestralidade cultural

---

<sup>14</sup> Pretitude: junção das palavras preta + atitude = ação de ser protagonista.

riquíssima e de forte influência. Sobretudo, expõe o preconceito encoberto de piadas naturalizadas pelo senso comum que mais afetam a autoestima dos negros.

A questão da autoestima preta é de extrema importância nesse processo de reflexão de vocabulário, pois muitas expressões desvalorizam a beleza preta. Assim é o caso do “cabelo ruim” ou “cabelo duro”, são falas recorrentes, principalmente na infância, tendo como objetivo desonrar características do cabelo preto. Ideias que se perduram até a vida adulta.

Do mesmo modo, temos a expressão “esse seu cabelo tá na moda”, no qual foram tantos anos escondendo os cachos para serem aceitos em sociedade, que agora, com o fortalecimento do empoderamento negro, pode-se assumir com mais leveza os cachos naturais, mas ainda há pessoas que comentam como se isso fosse uma “modinha”, apenas uma fase. Além de ser racista, despreza a história do cabelo negro e ignora a sua identidade. Como referência, apliquei a música “Autoestima” do cantor Baco Exu do Blues, em que ele cita *“Sempre tive o mesmo rosto, a moda que mudou de gosto/ E agora querem que eu entenda/ Seu afeto repentino/ Eu só tô tentando achar, a autoestima, que roubaram de mim”*, expondo as dificuldades da autoestima preta. Baco trás a temática a fim de questionar o porquê de só agora a beleza negra está sendo aceita? Um sentimento que somente o povo preto vem carregando desde a infância, e que sobrecarrega essas pessoas no sentimento de amar e ser amado: o Afroafeto.

Na expressão “coisa de preto”, examinamos a música “Eu Sou” de W.D., que expõe a triste realidade de muitos jovens negros da instituição Casa da Criança de Caraguatatuba . No trecho *“Marginalizado e só, por não ser mais um igual/ Incapaz de ver beleza em seu corpo natural/ Endeusava o branco por não ser o padrão real/ Mas compreendeu que o mundo/ Seu tentar nunca faz mal”* demonstra a dificuldade do negro em se aceitar em uma sociedade onde o belo sempre foi construído a partir do padrão branco. Mas ele se empodera ao compreender que mesmo sendo rejeitado desde a infância pelos pais, o que lhe basta é seu amor próprio, e segue *“Eu sou a voz da resistência preta/ Eu sou quem vai emprestar minha bandeira/ Eu sou e isso ninguém vai mudar/ Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar”*.

Essa canção foi de grande importância na construção desse projeto, pois foi nela que senti o potencial engrandecedor para trabalhar a autoestima preta dos adolescentes. Uma história cantada com muitas dores e traumas frequentes na vida de muitos negros, mas com a capacidade de enaltecer a pretitude desses jovens, como na estrofe *“Seu nariz é lindo preto/ Sua boca é linda preta/ Seu cabelo é lindo preto/ Sua cor é linda preta”*. À vista disso, enquanto o povo negro não trabalhar o resgate a sua autoestima, será muito difícil lutar contra o racismo estrutural.

Portanto, entendeu-se que essas expressões são expostas sem que muitas das pessoas saibam da sua verdadeira origem. A ideia é que esses adolescentes retirem essas expressões do seu vocabulário e entendam que o fato de ainda serem utilizadas revela o quanto essa problemática segue enraizada nos costumes da sociedade brasileira. E nada melhor do que a arte para expor de forma lúdica as consequências das expressões da questão racial.

#### **1.6. LEI FEDERAL 10.639/03**

O estudo sobre a nossa cultura africana e as nossas relações étnico raciais é de extrema importância desde o ensino básico, pois favorecem na construção da nossa identidade enquanto nação. No entanto, segundo Silva (2017), essa temática sofre muita defasagem nas escolas por se tratar de um povo que é inferiorizado desde o Brasil colonial, onde os prejuízos da escravidão empregou aos negros um juízo de valor eurocêntrico negativo, sob alegações racistas e discriminatórias.

Diante disso e de muita luta e persistência de movimentos negros e movimentos sociais, se fez necessário a concretização da Lei 10.639/03 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional<sup>15</sup>, estabelecendo a obrigatoriedade da integração da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, tornando o ensino educacional mais inclusivo, pois, conforme Silva, é na escola que se inicia a construção de caráter e que se trabalha a construção do outro. Com essa lei o povo

---

<sup>15</sup> Lei nº9.394(LDB), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Veja mais em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no.%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no.%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias)>.

preto passa a ser reconhecido e valorizado como parte de nossas raízes, desmistificando padrões eurocêntricos e auxiliando em nossa construção identitária.

É sem dúvida de que a escola é responsável pela disseminação da importância da cultura afro para a nossa identidade, pois é dentro do âmbito escolar que será rompido com o paradigma que nos foi ensinado de que os negros são inferiores, que sua utilidade está somente no trabalho braçal, e através da pesquisa da temática proposta que é possível mostrar aos alunos que os negros foram verdadeiros pedreiros da nossa cultura (SILVA, 2017, p.37).

É preciso reconhecer de maneira concreta que o povo negro usufruem de seu espaço no Brasil, “mas não na condição de escravos, mas sim como agentes produtores da História, da nossa história, da nossa identidade” (SILVA, 2017, p.37). É a partir dessa conjuntura que o estudo do tema possui como propósito central o fim do racismo e o um recomeço para o reconhecimento da igualdade e do “direito de ter nossa especificidade respeitada, isso significa que temos que dar mérito ao povo negro pela construção da nossa identidade” (SILVA, 2017, p.37).

## **2. CAPÍTULO II: A ATUAÇÃO PROFISSIONAL COMO FERRAMENTA PARA A GARANTIA DE DIREITOS**

Para a formação desse estudo investigativo, foram executados alguns procedimentos metodológicos necessários para obtenção de respostas às interrogações e aos objetivos propostos inicialmente: compreender a importância do assistente social na área da educação; o dever em concretizar o estudo da cultura africana e de entendê-la como fundamental para a formação do Brasil, e como essas questões permeia o reconhecimento identitário étnico racial da formação de cidadãos.

### **2.1. O papel do(a) assistente social em uma instituição socioeducativa.**

O Código de Ética Profissional do Serviço Social, elaborado em 1993, pelo Conselho Federal de Serviço Social e também pelos Conselhos Regionais de Serviço Social, também conhecidos como conjunto CFESS/CRESS<sup>16</sup>, defende

---

<sup>16</sup> “O Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) é uma autarquia pública federal que tem a atribuição de orientar, disciplinar, normatizar, fiscalizar e defender o exercício profissional do/a assistente social no Brasil, em conjunto com os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS).

diversos princípios, destacando o seu Princípio Fundamental VI o “Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças” (CFESS, 1993, p.23).

Conforme o CFESS (1993), o Serviço Social ratifica o reconhecimento da liberdade dos indivíduos, a defesa pelos direitos humanos e a consolidação da cidadania dentro de uma sociedade democrática construída através do pluralismo, da equidade e da justiça social, onde os indivíduos tenham autonomia para proferir sua orientação sexual, sua religião, sua etnia, seu gênero, sua classe social, sem quaisquer discriminações (Código de Ética Profissional, 1993, p.24. Ed. 10). Em suma, o CFESS explicita no Princípio Fundamental XI que o assistente social deve "Exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física” (CFESS, 1993, p.24. Ed. 10).

No decorrer do estágio, sob a supervisão da assistente social responsável pelo projeto, realizei tais funções, como acolhimento, entrevista, elaboração de eventos e atividades. Também ouvi as dificuldades enfrentadas através de WhatsApp, participei de reuniões para a capacitação de equipe, realizei contatos telefônicos com as famílias e participei nas videoconferências com os educadores para planejamento de ações e atividades por meio de vídeo aula, e assim, manter os vínculos com as crianças/adolescentes e famílias. Assim, como também acompanhei o desenrolar dos auxílios do governo: a entrega do leite do programa VIVALEITE promovido pelo CRAS e a entrega de cestas básicas na instituição para os usuários.

Acompanhei a produção de vídeos e atividades nas oficinas com o intuito de aproximação e manutenção dos vínculos entre família, criança, educadores e projeto. Além disso, acompanhei e distribuí máscaras e kits de higiene pessoal para as famílias atendidas no projeto para a prevenção do COVID-19. Presenciei os relatórios sociais, circunstanciados, relatório de acompanhamento, articulação com a

---

Para além de suas atribuições, contidas na [Lei 8.662/1993](#), a entidade vem promovendo, nos últimos 30 anos ações, políticas para a construção de um projeto de sociedade radicalmente democrático, anticapitalista e em defesa dos interesses da classe trabalhadora” (O CFESS. **CFESS – Conselho Federal de Serviço Social**. Acesso em: 09 de setembro de 2022).

rede e encaminhamentos feitos pela assistente social da instituição. E com o fim do isolamento social pude aprofundar todas essas funções de forma presencial. Diante disto, tive uma experiência bem próxima da realidade, considerando-me apta para executá-la em nossa comunidade.

Segundo a autora Tissot (2009), ao assistente social, cabem medidas socioeducativas que formulem, acompanhem, monitorem e desenvolvem políticas públicas e sociais que assegurem o cumprimento dos princípios do código de ética profissional. Debater, elaborar e concretizar medidas socioeducativas é desafiador, complexo e incessante, recorrente à todos os atores sociais comprometidos no processo de trabalho com a juventude. Coordenar práticas a serem desenvolvidas pelo assistente social em uma instituição socioeducativa é um trabalho coletivo e democrático na busca pelo direito a aprendizagem, a construção da realidade e a percepção de si como sujeito de possibilidades.

Deste modo, além de atividades do dia-a-dia no atendimento direto aos adolescentes desenvolvidas pelo serviço social, destacaremos a consolidação de uma iniciativa voltada ao desenvolvimento do protagonismo juvenil e a articulação da rede local. Uma iniciativa vinculada a uma perspectiva ética e política – que pressupõe o fortalecimento da identidade de cada indivíduo em um processo de construção cotidiano e concreto orientado por uma concepção de cidadania (TISSOT, 2019, s/n).

Assim, entende-se como “atribuições funcionais” do assistente social inserido em instituições de cunho socioeducacional: organizar a inscrição e documentação dos jovens a unidade; elaborar os estudos de caso e relatórios técnicos dos jovens; realizar atendimentos individuais e coletivos com os jovens. Além de prestar atendimento às famílias dos jovens, colhendo informações, orientando e propondo formas de manejo das situações sociais.

Atribuições que permitem realizar pesquisas e levantamentos referentes aos autos judiciais e históricos infracional dos jovens, a manter contato com as entidades, os órgãos governamentais e os não-governamentais para obter informações sobre a vida precedente dos jovens. Além de buscar e articular recursos da comunidade para formação da rede de apoio, a elaborar planos de intervenção para o desenvolvimento da ação socioeducativa personalizada junto aos jovens. E assim, realizar a inclusão dos jovens e familiares aos programas da comunidade: escola, trabalho, curso profissionalizante, programas sociais,

atividades esportivas e recreativas, e manter registro de dados e informações para levantamentos estatísticos.

A partir de uma perspectiva ética e política, calcula-se que essas medidas ajudem no fortalecimento da identidade dos indivíduos, uma construção habitual e concreta norteada por uma compreensão de cidadania e direito. Notando-se, assim, a necessidade de se fortalecer um sistema socioeducativo com ações estruturantes, ligadas a propostas político pedagógico institucional. Portanto, encontrando caminhos de oportunidades e possibilidades que proporcionam visibilidade social.

Após um período de investigação e leitura atenta do diário de campo, pude perceber a tendência e “naturalização da vida social e seu consequente comportamento fatalista, cuja principal ideia é a de que ‘nada lhe resta a fazer” (LIMA, 2014, p.185) por parte dos profissionais, o que pode se explicar tanto pela imediatividade do cotidiano, quanto pelo pragmatismo presente no espaço de trabalho. Dessa forma, é de extrema relevância intervir em conjunto com as profissionais, já que:

Os assistentes sociais devem romper o sonífero que tende a expressar uma composição de forças, na qual o convite à manutenção da ordem se reproduz na vida cotidiana e arrefece a possibilidade de iniciativa à transgressão e à construção de novos cenários cotidianos (LIMA, 2014, p.186).

Romper com o “sonífero” se faz necessário em conjunto aos trabalhadores, já que o imediatismo é próprio das relações sociais, impostas pela forma como o capitalismo coloca os profissionais contra o tempo. Para que isso seja realizado, a intervenção se fez através de rodas de conversa, debates, palestras, exposições de vídeos, narração de histórias e oficinas culturais, que foram utilizados como instrumentos pedagógicos para tratar da história africana e da cultura afro-brasileira. As conversas foram facilitadas por músicas, posto que a arte e a literatura sejam vias de acesso privilegiadas à generidade humana, a essa essência subjacente às agitações instáveis, transitórias da superfície (MAGALHÃES, 2020).

Desse modo, é primordial que se reflita sobre a prática profissional do assistente social enquanto práxis pedagógica direcionada a um processo constante de enfrentamento e superação das diversas expressões da questão social. É fundamental a compreensão do assistente social no socioeducativo como método

desencadeador da reflexão crítica e construtiva, tencionando o sujeito para que se veja como agente transformador de si mesmo e da sociedade, vinculando-se ao Projeto Ético-político profissional do assistente social.

O Serviço Social, recentemente, tem sido reconhecido como profissão fundamental na perspectiva curricular da educação e ocupado espaços importantes no processo de execução da política educacional. Com isso, tende a deixar o serviço de ações complementares, paliativas e emergenciais. Seu trabalho consiste em identificar e propor alternativas de enfrentamento aos fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que interferem no sistema educacional, de forma a cooperar com a efetivação da educação como um direito para a conquista da cidadania (PIANA, 2009, p.126).

Assim, preparar e encaminhar estes jovens como agentes transformadores, protagonistas e construtores das suas próprias ações e histórias como sujeitos de direitos e deveres.

## **2.2. Inspirações históricas**

Atualmente, o Brasil vivencia a terrível ascensão de governos conservadores da extrema direita, testemunhasse o aumento das desigualdades, do acirramento da pobreza, da violência do Estado e a progressiva desqualificação da vida humana. Tudo isso na mesma medida em que acontecem ataques aos direitos já conquistados pelos (as) trabalhadores (as) e a regressão das políticas públicas, onde a população preta é a mais atingida (EURICO, 2018).

Na sociedade brasileira em que prevalece a supremacia branca, a vida dos negros é atravessada por questões políticas que evidenciam a interiorização do racismo e esse sentimento de inferioridade que há muitos englobam. Segundo Hooks (2010), esses sistemas de dominação são mais eficazes quando modificam a habilidade de querer e amar:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar (HOOKS, 2010).

O Estado institucionalizou ações, que causaram feridas profundas na população negra. Feridas emocionais que são acarretadas aos negros e afetam toda a sua capacidade de sentir, causando deformações na forma de amar. Onde a vontade de amar tem se tornado um ato de resistência a população Afro-Americana.

Como exemplo, temos Leandro Roque de Oliveira, cantor, produtor musical, desenhista e compositor brasileiro, mais conhecido como Emicida, uma das maiores revelações do hip-hop/rap brasileiro dos anos 2000.

Em 2018 Emicida lançou o álbum *10 anos de Triunfo*, em tributo ao seu álbum *Triunfo (2008)*, onde esse lança a faixa *Pantera Negra* em homenagem ao primeiro personagem afro dos grandes HQ's (História em Quadrinhos) estadunidense, que também ganhou protagonismo com o filme "Pantera Negra" lançado no mesmo ano e dirigido por Ryan Coogler. Reverenciando o personagem criado pelo editor e escritor Stan Lee, o Pantera Negra é um super-herói disfarçado de príncipe T'Challa, do reino africano de Wakanda. Sendo esse o primeiro longa-metragem de super-herói que tem o elenco principal formado apenas por atrizes e atores negros. A música relembra de que durante séculos a África vem sendo saqueada por colonizadores e agora, mais do que nunca, o povo negro precisa reivindicar o que é seu. Desde 2018 que a República de Benim, entre outros países africanos, vem reivindicando a restituição de seus tesouros roubados pelos europeus. Mas os brancos se utilizam de brechas burocráticas e de argumentos que inferiorizam a capacidade dos negros em conservar suas relíquias.

Nos tempos atuais, as ferramentas oferecidas pela tecnologia tem nos permitido acessar com mais rapidez as notícias e informações em tempo real sem interferência ou julgamentos da mídia burguesa, divulgando cada vez mais o quão brutal ainda é a nossa sociedade perante o povo preto. Casos como do Igor Mendes, do George Floyd, Claudia Silva Ferreira, Eduardo de Jesus Ferreira e tantos outros, são consequências de uma população negra que é a principal vítima de genocídio no Brasil e mundo a fora. Um processo construído historicamente por políticas excludentes pós-abolicionista, que afetaram o acesso da população negra aos recursos sociais, arquitetado à segregação social e urbana construindo o alicerce das condições de extermínio. Isto posto, o povo negro precisa lutar como uma "*pantera sem amarra*", com sua garra, com sua ira, com sua rima, com sua arte, com sua voz; trazendo "*à noite como camuflagem*" a sua pele (EMICIDA, 2018).

Nesse sistema de exclusão, a América Latina esta presa a essa moral católica que requer um Estado ditatorial. O Brasil é o país que mais sequestrou pessoas do continente africano trazendo, obviamente, um contingente de pessoas

negras - o que não agradou a branquitude (ALMEIDA, 2018) -, mas com a abolição da escravatura veio também à ideia de embranquecimento, uma das muitas políticas eugenista experimentadas com o objetivo de erradicar a população negra do Brasil, amaldiçoando, até hoje, tudo o que a pele preta significa e representa. Segundo Oliveira (2017), o estado brasileiro classifica os tipos como branco, pardo, preto, amarelo e indígena, mas dentro de pesquisas e políticas públicas o termo “negro” é utilizado como referência para pardos e pretos. Contudo, diversas nomenclaturas foram postas para diminuir a africanidade desses indivíduos, dando entender que a palavra “preto” seja uma ofensa: “*Negra ou morena? Na dúvida chame-a de princesa*” (EMICIDA, 2018).

O fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Segundo Eurico (2018, p.80-85), é importante analisar o racismo dentro da realidade de crianças e adolescentes que se encontram em serviços de acolhimento institucional. Ao passo que o Estado possui o mecanismo de manutenção da ordem capitalista burguesa de estratégia, como o controle e a institucionalização das massas que se materializa nesses serviços e espaços. Com tudo, a cultura da sociedade brasileira é intensamente marcada pelas lutas e contribuições da população negra nesse processo de formação econômica, tais como os quilombos, as manifestações religiosas, as manifestações culturais, entre outras, mesmo que essa parte da história seja mascarada e mistificada nos livros didáticos do ensino público.

Em 2003 foi reconhecida a Lei 10639/03 que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) alterando a Lei nº9.394, incluindo no currículo da Rede de Ensino a obrigatoriedade do tema “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. Na teoria, o conteúdo tem o intuito de reverenciar autores (as) negros (as) incluindo a luta desses povos no Brasil, trazendo mais referências à cultura negra e dessa importância na formação da sociedade para as áreas sociais, econômicas e política da história brasileira. Já na prática, possui uma desconfiança pedagógica a respeito dos seus resultados e a subjetividade dessas ações, isto porque, a sociedade e as escolas, especialmente, ainda negam o contexto social marcado pelo privilégio

branco, o que impede os avanços dessa construção social que está sob frequentes questionamentos (MEDROA. SASSO, 2018).

Desta forma, a profissão de Serviço Social, inserida na divisão social e técnica do trabalho, é chamada a dar respostas e buscar soluções frente à pluralidade de questões num espaço de mediação entre as classes sociais e o Estado. É no imediato que o assistente social opera sua instrumentalidade, ou seja, na resolutividade das demandas apresentadas, expressando um ethos profissional, onde se reproduz códigos de orientação e um conjunto de valores. É no cotidiano que essas ações ocorrem. Emitindo certa superficialidade, uma positividade tal que se confunde com a realidade em si, onde imperam os imediatismos - que resulta numa ausência de apreensão das mediações (GUERRA, 1999, p.09).

Os negros precisam ter orgulho de seus ancestrais, de suas origens e da fé criada por eles para que possam atingir um propósito de vida maior e honrar a luta de seus descendentes que precisa ser assumida, lembrada e reparada, pois esse conhecimento lhes trará força. Lutando sempre pela vida e liberdade “*igual leão de Tsavo*” - Leões ao redor do Rio Tsavo (Quênia), que atacavam pessoas por estarem acostumados a comerem carne humana de escravizados deixados nas estradas pelos colonos (EMICIDA, 2018). Lutando sempre contra as correntes, antivalores escravistas, correntes que representam um passado vexatório no país.

### **2.3. A construção de novas perspectivas**

Será que todos somos iguais? Esta foi a pergunta norteadora da roda de conversa que desenvolvera com os adolescentes da instituição Casa da Criança de Caraguatatuba. A escolha da questão foi justamente pensada para quebrar com a ideia de que todos somos iguais, logo não existem diferenças e todos são vistos e tratados como iguais. Mas até que ponto somos todos iguais? Se todos possuem, órgãos, sangue, ossos, pele... Significa que todos são vistos, tratados, julgados com igualdade?

É de extrema importância salientarmos sobre o cuidado necessário ao contarmos a respeito das atitudes tomadas pela Igreja Católica, neste percurso histórico. Ela que é a causadora das maiores e mais intensas barbaridades

produzidas na sociedade, seja de maneira direta ou indireta<sup>17</sup>. Desde o momento em que ela era a lei que condenava e punia, até as atitudes maldosas que ainda são reproduzidas por seus doutrinados. Ponderando que estamos em uma sociedade que é formada a partir desta construção de valores cristãos, é preciso atentar-se para não ofender a religião para com os alunos e também à instituição em que se implementa essa ação.

Segundo Netto (2001, p.247), a terceira vertente do Movimento de Reconceituação se deu na década de 1980 com um forte viés marxista, trazendo uma ruptura com o Serviço Social tradicional e conservador, fundamentando a identidade profissional com um olhar crítico, trazendo novas perspectivas para a conjuntura educacional, por exemplo. Esse enfrentamento é uma “consequência do desenvolvimento do capitalismo mundial que impôs à América Latina seu modelo de dominação, da exploração e da exclusão” (PIANA, 2009, p.98).

[...] na década de 1990, o profissional construiu bases para sua formação profissional em uma matriz materialista histórica. As Diretrizes Curriculares da formação do Assistente Social no Brasil gestam-se como fruto de um amadurecimento do debate teórico na produção de conhecimento da área que busca raízes no Movimento de Reconceituação Profissional da década de 1960. Essas Diretrizes contêm indicativos ético-políticos, teórico-metodológicos e técnico-operativos que encaminham a análise da realidade a partir do método dialético marxista. O fundamento dessas diretrizes está na análise da relação capital e trabalho como essência do processo de desenvolvimento social” (PIANA, 2009, p.82).

Desta maneira, o Estado, segundo José Chasin (2013)<sup>18</sup>, é democraticamente burguês. É o Estado que visa o empreendimento do capital para que sustente essa relação entre capital x trabalho. A política se dá nesse contexto reforçando ainda mais essa relação entre Estado e burguesia e que ela, em seu sentido positivo, busca manter a classe trabalhadora na condição de alienada para que não seja despertado o sentido negativo da mesma, que faz com que a classe tome consciência e lute contra essa reprodução e manutenção do sistema capitalista. Essa negação quebra as correntes da exploração que a classe trabalhadora vive, no

---

<sup>17</sup> Segundo Silvio Almeida (2018), discriminação direta “é o repúdio ostensivo a indivíduos ou grupos, motivado pela condição racial, exemplo do que ocorre em países que proíbem a entrada de negros, judeus, muçulmanos, pessoas de origem árabe ou persa, ou ainda lojas que se recusem a atender clientes de determinada raça” (p. 25). Enquanto a discriminação indireta “é um processo em que a situação específica de grupos minoritários é ignorada - discriminação de fato -, ou sobre a qual são impostas regras de ‘neutralidade racial’ [...] sem que se leve em conta a existência de diferenças sociais significativas” (p. 26).

<sup>18</sup> Veja mais em: <https://www.marxists.org/portugues/chasin/1985/07/poder.pdf>. Acessado em: 13 de outubro de 2022.

sentido de que enquanto se mantiver esse Estado capitalista, essa relação entre capital x trabalho não se superará. Há que haver a tomada do poder pela classe trabalhadora, para que se alcance outra sociabilidade, de modo que sejam superadas todas essas abstrações que esse sistema impõe entre as classes.

#### **2.4. A cultura africana através da dança**

No segundo encontro organizado para os adolescentes no intuito de incentiva-los ao resgate de suas identidades de gerações africanas, os alunos tiveram uma pequena apresentação da cultura africana através da dança. Para isso, desfrutaram dos talentos da professora de dança da instituição: a Nena. Ela deu aula sobre danças e movimentos que são característicos da cultura negra, mas que nem sempre são bem vistos pela sociedade que carrega como legado o racismo estrutural. Expressões artísticas que, nem todos sabem, são populares pelos artistas e que também estão presentes em redes sociais que motivam os jovens a dançar, como o Tiktok (rede social<sup>19</sup> de vídeos curtos e compartilháveis).

As danças africanas e sua pluralidade expressam parte dessa cultura ascendente que influenciam a diversidade rítmica dos artistas em diferentes épocas. Muitas vezes auxiliadas por instrumentos de percussão, seguido por um viés lúdico da arte e de espiritualidade. Visto que a dança é uma arte essencial para a vida, pois envolve o coletivo em movimentos expressivos em busca da representatividade do cotidiano em uma nova perspectiva, fazendo parte de realizações importantes e característicos de cada grupo.

Com esse entendimento, a dançarina Nena demonstrou e explicou algumas coreografias tradicionais e costumeiras das celebrações africanas. Um exemplo é o “rebita”, uma dança de salão angolana. Nessa dança as pessoas ficam em pares, seguindo diversos passos com elegância. Bem semelhante ao que os brasileiros estão acostumados a vivenciar, mas a diferença é que os pares seguem a coreografia de um “chefe da roda”, alguém que comanda como a dança deve se

---

<sup>19</sup> Uma estrutura social constituída por pessoas e/ou organizações que se conectam por um ou vários tipos de relações. São compartilhados valores e objetivos em comuns viabilizando relações horizontais e não hierárquicos entre os membros.

seguir, diferentemente da “kizomba”, uma dança mista de diversos ritmos e também dançada em pares, mas que não possui um “chefe” da dança. Assim, desde a década de 1980, seu ritmo é lento e sensualizado.

A professora Nena também apresentou a “ahouach” que caracteriza o espírito de união da comunidade, com coreografia sincronizada e contínua. Além do estilo da coreografia ser parecida com o que os atuais artistas, principalmente negros, vêm apresentando, o que mais se assemelha aos dançarinos da atualidade são os corpos repletos de joias e apetrechos. Desta forma, é evidente que não é apenas a dança a influenciadora da arte contemporânea, mas sim tudo que envolve essa energia de festejo e celebração da vida.

No decorrer do século XVII a capoeira desabrochou no Brasil. Proveniente da etnia Banto, a capoeira trouxe forte impacto para a formação nacional, pois além de ser fruto da dança ela também traz a música, o esporte e as artes-marciais como artifício de defesa dos que foram escravizados. Como os escravizados eram proibidos pelos senhores de engenho a praticar quaisquer tipos de lutas, a capoeira com seus movimentos rítmicos eram utilizados com musicalidade para camuflar suas reais intenções. Portanto, essa prática que é utilizada até os dias atuais e que desde 2014 é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), tornou-se um símbolo poderoso da resistência cultural e física dos escravizados brasileiros (IPHAN, 2014).

Relacionado com a capoeira e com o “semba”, surge no Recôncavo Baiano o samba de roda, pioneiro do que conhecemos como samba. O samba de roda associasse à celebrações e culto dos orixás. Também reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, o samba de roda é uma dança coletiva, ressaltando a mulher, enriquecido por palmas e poesias. Com uma mistura de ritmos e tradições, o samba atravessa o Brasil trazendo referencias musicais e históricas para a nossa formação cultural.

O “Semba” é uma dança familiar que se popularizou em meados dos anos 1950, onde os pares unem os umbigos e variam no ritmo e na improvisação, destacando a criatividade dos dançarinos. Assim como o samba possui a sua

própria “mestiçagem”, até mesmo como forma de ser incorporada a nacionalidade brasileira, o “Kazukuta” também é incorporado ao samba e, conseqüentemente, à nossa cultura. Esta que introduz de maneira mais lenta o sapateado e é facilmente encontrada nos carnavais, com roupas chamativas, bengala ou guarda-chuva como itens pertencentes à dança.

Dentro dessa miscigenação musical e cultural, surge em Pernambuco durante o período colonial o “Maracatu”. Unindo danças, músicas e religiosidade de elementos culturais africanos, indígenas e portuguesas, trazendo profundas referências ao folclore brasileiro. O Maracatu é popular no nordeste brasileiro e influencia os festejos carnavalescos que fazem parte das tradições culturais brasileiras.

E por fim, aprendemos ainda mais sobre a dança Angolana nascida na década de 1980 que conquistou o mundo, principalmente a juventude periférica de Luanda: o Kuduro. Comuns em bailes e festas da região originária, o Kuduro ganhou fama nas ruas entre os jovens que a usavam para expressar sua criatividade individual ou coletiva. Em 2010 a Copa do Mundo de futebol foi sediada na África do Sul, e como esquecer a música mais ouvida daquele ano? A cantora colombiana Shakira com a participação da banda sul-africana Freshlyground lançaram a canção “Waka Waka (This Time for Africa)” que virou hit da Copa do Mundo 2010, envolvendo ritmo e dança do Kuduro. Embora a letra da música fosse um resgate a canção da banda camaronense Golden Sounds “Zagaléwa” de 1986, fazendo alusão aos soldados africanos que morreram na Segunda Guerra Mundial, a apropriação cultural para comercialização causou contestação entre os sul-africanos pelo fato da canção ser cantada por uma branca de outro continente ao invés da utilização de um artista nativo. Mesmo com essa atitude indiretamente racista da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) o ritmo Kuduro foi disseminado e ganhou fama no mundo artístico.

Essas atitudes racistas e de apropriação cultural da música preta são instrumentos aplicados pela mídia e gravadoras musicais que se utilizam e, conseqüentemente, reforçam o racismo estrutural, barrando a credibilidade e a ascensão de artistas negros. Um dos diversos exemplos musicais é o Elvis Presley. Conhecido como “Rei do Rock”, teve seu primeiro single “That’s All Right” lançado

em 1954, na verdade é uma versão da música do artista Arthur Crudup, que por sua vez era negro e que nunca recebeu seus direitos pela gravação. Assim, influenciadores musicais brancos ganham mais destaque, ou total destaque, do que os negros que originaram diversos estilos musicais, como: Jazz, Blues, Funk, entre outros. Portanto, percebesse que a musicalidade branca se inspira na cultura negra, mas não no negro.

Todas essas questões foram pensadas e dialogadas com os alunos da instituição Casa da Criança de Caraguatatuba. Visto que as danças possuem muitos benefícios para o desenvolvimento infantil, além de ajudá-los a serem mais sociáveis com sua capacidade de comunicação e de trabalho em equipe, a dança também auxilia no ganho da autoconfiança, a partir do desenvolvimento da consciência corporal e psicomotora, ajudando-os a lidar com problemas emocionais. Além disso, a dança e suas diversas manifestações culturais contribuem para a aprendizagem das origens e contextos em que são consumadas, colocando os jovens em contato com outros estilos musicais.

Experenciando esse momento com os jovens da instituição foi um processo inovador de transformação e de forte impacto para os jovens e para toda a equipe técnica envolvida. Vimos jovens que nunca se interessaram pelas aulas de dança, dançar; jovens que diziam não saber dançar se surpreenderem com os movimentos que seu corpo era capaz de reproduzir; e a felicidade dos jovens negros em se sentirem representados pelos artistas e pela cultura negra, e agora com o entendimento e reconhecimento de que a arte do povo preto não deve ser apagada e muito menos desvalorizada pela branquitude.

## **2.5. A força que vem da raiz: a valorização da beleza negra como estratégia de empoderamento**

Partindo da ideia de que raça está associada a preconceito e discriminação, o autor Silvio Almeida (2018, p.25) fundamenta raça como uma discriminação sistematizada pelo racismo que se evidencia com atitudes, conscientes ou não, que levam a desigualdades ou prioridades, dependendo do grupo racial que os indivíduos sejam.

Para conseguir concretizar a estratégia de ascensão social, o indivíduo negro, sendo tradicionalmente definido de forma inferior, buscou no padrão branco um modelo de identidade a seguir, já que foi impedido de possuir uma concepção positiva sobre si. Isso se deu porque a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcando o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco, instituindo o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (PACHECO, 2010, p. 33).

A partir dessa reflexão, pode-se notar a importância desta terceira e última aula (sem inferiorizar a necessidade e relevância das demais atividades), que a meu ver foi a mais marcante para todos os envolvidos. Trabalhamos com a necessidade de se reconhecer a beleza Afro, a fim de melhorar e valorizar a autoestima preta. Para isto, contei com a representatividade da trançista Mariane Garcia, em que dialogamos sobre a importância de reconhecer-se como preto e amar a sua beleza negra e, principalmente, de respeitar os traços negros que carregam muita luta e ternura.

Ali, os jovens conheceram diversos pentes e acessórios para cabelos afros, como: o pente garfo, que é utilizado para dar volume desde a raiz dos cabelos; o pente polvo que é ideal para o processo de fitagem (técnica de finalização), desembaraço e definição dos cachos; o pente raquete ou esponja modeladora para o “nudred” (penteado com “pequenos cachinhos”), uma técnica de definição para cabelos curtos e crespos; entre outros. Como acessórios tiveram a apresentação dos benefícios do cetim para o cabelo em que, seja na touca ou na fronha de travesseiro, ele reduz o frizz, mantém a hidratação, o brilho e a definição capilar e evita a fragilidade, as quedas e o embaraço dos cabelos. Constatamos também o “durag”, um acessório feito de tecido que envolve o cabelo. Técnica muito utilizada pelos negros escravizados para proteger os cabelos do Sol, do suor, dos insetos e diversos danos. Atualmente, o durag é muito utilizado para manter penteados, preservando sua representatividade negra.

Também aprenderam sobre a importância da utilização de vários produtos específicos para o cabelo cacheado e crespo. Destes, ressaltasse a importância do uso de shampoo apenas na raiz do cabelo, e não no comprimento, para evitar o ressecamento dos fios; da necessidade que o cabelo negro tem de hidratação contínua; da importância dos pulverizadores e dos cremes para pentear na finalização capilar, onde muitos acabam negando-lhe por não entender a função e

pecar no excesso. Além de apresentar-lhes produtos complementares como, por exemplo, ativador de cachos e gelatina fixadora.

A participação da Mariane Garcia foi fundamental, pois seu conhecimento transcendeu minhas expectativas quanto ao desenrolar desse encontro e do envolvimento dos adolescentes. Ela posicionou os alunos em frente ao espelho e os fizeram questionar o sentido da beleza. Ela trouxe questões que os fizeram notar, reconhecer e valorizar a beleza singular existente em cada um e, além disso, observar, respeitar e enaltecer a beleza do outro. Com palavras sinceras e um diálogo gostoso com trocas de afetos e curiosidades, Mariane elevou a autoestima destes jovens e, juntos, construíram reflexões sobre a concepção de beleza imposta socialmente.

Estas reflexões que atravessam o real significado social da identidade do cabelo afrodescendente brasileiro, que está associado com a percepção que se construiu com a questão do embranquecimento. Segundo Oliveira, citado por Matos (2015) na monografia apresentada ao curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília (UNB) com o título “Cachear e encrespar: moda ou resistência? – Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em *blogs*”, o conceito de identidade dispõe de dois segmentos. Um é o individual, o reconhecimento e a aceitação do “eu”. O outro é o coletivo, é a criação de um pertencimento a um grupo em que se assemelham atributos, passando a reconhecer-se no “outro” (OLIVEIRA *apud* MATOS, 2015, p.20).

No Brasil, o regime escravista foi o inaugural para o remanejamento da identidade negra conforme o modelo europeu. Eis que rompe a identidade coletiva geral, pois não há o reconhecimento do branco no “outro”, afetando a identidade individual do negro, causando-lhe a autonegação a partir dos conflitos de intolerância com o corpo negro. O corpo expressa a etnia e a cultura viva de um povo, onde suas características podem ser reconhecidas ou negadas.

Expressivo é o corpo da pele negra, e com ele o cabelo crespo ou cacheado como princípios da função social do indivíduo:

Ele é maleável, visível e possível de alterações e foi transformado pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico/racial. O cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos

corpos. (...) Nas múltiplas possibilidades a análise que o corpo negro nos oferece, o trato do cabelo é aquela que se apresenta como a síntese do complexo e fragmentado processo de construção da identidade negra (GOMES, 2002, p.7).

Como os negros eram os escravizados no período colonial, seu corpo era exposto a diversas violências para torná-los cada vez mais submissos. Com isso, “a noção entre boa aparência e cabelo resultou que o crespo/cacheado é denominado como ruim, duro, feio, difícil de ser manuseado, e precisa de alguma intervenção para melhorá-lo” (MATOS, 2015, p.20-21). Nesse período, o ato de raspar o cabelo negro foi uma violência simbólica e de mutilação, já que o cabelo, para os africanos, é a marca da identidade e da dignidade do povo preto. As mulheres negras sofrem intensamente com essa questão do cabelo, enquanto os homens raspam os cabelos para serem aceitos socialmente às mulheres são mais exigidas, pois o cabelo configura alienação estética, a partir do momento em que se nega a sua identidade racial com a utilização de técnicas que associam o cabelo com o modelo ocidental: cabelos lisos e compridos.

A mulher negra é a que mais sofre com a rejeição corporal por conta da supervalorização da estética feminina branca. A utilização do ferro quente para alisar as madeixas, as pastas, os cosméticos com alisantes, todos os procedimentos impostos à aparência negra, desde a infância, em prol da naturalização do processo de embranquecimento racial. Isto por conta dos danos causados pelo desprezo, pelo constrangimento, pelas feridas morais, motivados pelo coletivo.

Essa negação, ocasionada pelos ferimentos morais, está imposta no convívio social, onde, principalmente as mulheres, crescem condicionadas a repudiar sua aparência física.

Dessa forma, as mulheres procuram a intervenção capilar seja por uma simples trança, usar o cabelo preso ou aplicar produtos e técnicas de alisamento. O alisamento, especificamente, é visto como um facilitador para o manuseio dos cabelos. A intervenção não pertence somente à percepção estética, mas pertence também à percepção identitária, ao anseio profundo de não “passar vergonha” de se apresentar com o cabelo afrodescendente e de se assemelhar a um grupo influente na sociedade (MATOS, 2015, p. 21-22).

Já na década de 1960, com o avanço dos movimentos negros, esse padrão eurocêntrico estético capilar foi perdendo forças com a conceituação do cabelo

*Black* como símbolo de resistência. Um movimento cultural e político que abriu caminhos para diversos debates raciais.

Foi nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, os dois centros irradiadores da influência norte americana, que apareceu o corte *black power* – cabelo redondo e cheio, in natura. Por conseguinte, com a crescente valorização da busca da “consciência racial”, procurou-se uma “naturalização” dos cortes, trançados e penteados afros, com repúdio do alisamento – “além de decadente [o alisamento], é prejudicial porque impede o crescimento do cabelo” (Orilê, cabeleireira paulista) (TELES, 1999, s/n).

Dada às oportunidades, o cabelo crespo ganhou mais espaço, principalmente em espaços estéticos, expandido a perspectiva do negro para “si” e para o “outro”. O reconhecimento da ancestralidade africana permite a evolução dessa cultura e dessa auto-representação, permitindo, portanto, a reconstrução da identidade e da autoestima negra.

No entanto, existem tantas barreiras sociais quanto à aceitação dessa cultura, e uma delas é a mídia. Essa que possui forte influência sob a sociedade, não considerou esse símbolo de resistência e ainda o deslegitimou como um símbolo passageiro. A mídia, dominada pela elite branca, padronizou o estereótipo da branquitude, considerando a estética afrodescendente como o “outro”, o que “não pertence” aquela ordem social.

Pontuasse aqui, de acordo com Cida Bento (CEERT, 2022), que a branquitude é um trato não verbal que busca a conservação de um determinado grupo nos melhores espaços sociais. Explicita, “A branquitude se expressa em uma repetição ao longo da história, de lugares de privilégio assegurados para as pessoas brancas, mantidos e transmitidos para as novas gerações” (CEERT, 2022, s/n). Assim, a branquitude e o branqueamento são categorias que se fortificam reciprocamente para permanecerem como potencializadoras do racismo.

À vista disso, as novelas, os filmes, os comerciais, entre outros, acabam produzindo divulgações que enaltecem a branquitude, com a representação de situações “normais”, mas que possui um racismo oculto. Esse que repercute de maneira excludente e que inferioriza todos que não são brancos. Com isso, a mídia

propaga intolerância racial que abalam a autoestima da grande maioria dos brasileiros.

Na minissérie biográfica lançada pela Netflix, “A vida e a história de Madam C. J. Walker” (2020) retrata a trajetória de superação e sucesso de uma mulher negra no início dos anos 1900 nos Estados Unidos. A primeira mulher negra empresária e milionária da história que ascendeu socialmente com a produção e venda de produtos para alisar o cabelo, conteúdo voltado principalmente para os negros. A história enfatiza a luta, a persistência e o empoderamento da mulher negra em busca dessa ascensão em uma sociedade recém-abolicionista, carregada pelo racismo estrutural.

Além de todas as dificuldades em ser reconhecida pela sociedade branca que não legitima seu espírito empreendedor por conta da pele negra, sua trajetória também é marcada pela rejeição por uma parte da comunidade negra que também estava nessa disputa por ascensão e, por isso, rejeitavam-na por ter o tom de pele mais escuro (retinto) que a deles. Além do mais, vivencia a desaprovação da outra parte da comunidade negra que enxergava a problemática do alisamento na deslegitimidade de sua negritude. À vista disso, a história de Madam Walker possuiu naturezas questionáveis, pois sua fórmula enriquecedora teria sido roubada de outra mulher negra, o que provoca uma ascensão sob a queda de outra; e por “melhorar” o cabelo dos negros em uma perspectiva de aceitação do “outro”, não do “eu”. Então, mesmo com a tentativa dos produtores, essa não é uma obra que trate da revolução sobre a ocupação da mulher negra no mercado de trabalho em tempos considerados impossíveis.

Nesse enquadramento, “quando o negro assume o seu cabelo, assume também o seu papel na sociedade como pessoa negra” (LODY *apud* MATOS, 2015, p. 23), pois é na auto-representação que esse grupo, que teve seus aspectos fortemente banalizados pelo ideal de ego branco e seu embranquecimento populacional, supera as feridas causadas pelas situações constrangedoras de violência racial. Contudo, a atuação midiática por pessoas negras tem passado por mudanças significativas para romper com o embranquecimento racial, reforçando o fenotípico negro de maneira positiva para o imaginário coletivo.

Em vista de todos esses argumentos, foi explorado todo o potencial de aceitação e de reconhecimento em cada um dos adolescentes presentes, ao longo desse projeto de intervenção. Nessa aula, em particular, foi o dia da beleza afro, onde todos participaram e ganharam tranças e penteados. É indescritível a reação que os jovens tiveram, pois a maioria é extremamente reprimida, justamente pelas questões raciais que os impedem de ascenderem socialmente fora do padrão branco.

A importância dessa aula e da presença da Mariane é de justamente problematizar o tema, levando-os a refletirem sobre a posição do negro nessa sociedade desde o período colonial até a atualidade. Vê-los se olhando no espelho com um brilho no olhar e um sorriso de orelha a orelha, recebendo e distribuindo elogios uns aos outros, sentindo-se belos, é extremamente gratificante. E, além disso, reafirma a necessidade de se estudar o tema.

Com isto, percebe-se no brilho do olhar, nas atitudes curiosas e na empolgação de compreender o “novo” e tão próximo da realidade vivida por estes jovens, onde plantar esta semente hoje fará com que a sociedade colha bons frutos no amanhã.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A finalidade deste estudo foi desenvolver sobre a juventude brasileira no que diz respeito à identidade negra e a discriminação racial institucionalizada enquanto violação de direitos, de modo a trazer para a discussão as categorias de: juventude negra, socioeducativo, racismo estrutural, o papel da família, do Estado e da sociedade em relação à formação do pertencimento e aos direitos desses indivíduos, dentre outros. Nesse sentido, o trabalho abordou a formação sócio-histórica brasileira, com o propósito de compreender a importância e a preocupação em torno do fortalecimento da identidade étnico racial como uma necessidade social desde a juventude, na qual a cultura da institucionalização ainda se faz tão efetiva. Deste modo, ao examinar a respeito do lugar e do papel do Estado e da sociedade ao longo desse processo, configurou-se uma análise do cenário brasileiro colonial utilizado para que esses jovens compreendam a importância de se valorizar a

pretitude a partir do entendimento da formação cultural, com o intuito de desmistificar a cultura africana que originou a cultura brasileira e com a finalidade de elevar a autoestima e o reconhecimento identitário da juventude negra.

A pesquisa buscou, por conseguinte, analisar e compreender o percurso histórico, mas não corresponde em apenas exprimir que isso faz parte da caminhada em que se formou o Brasil, vai além disso. É preciso mais que estudo, é necessário examinar e pesquisar criticamente a temática. Nota-se que nossa jornada histórica parte de um juízo de valor eurocêntrico onde os negros são inferiorizados sob alegações racistas, e, miseravelmente, o ensino sobre o tema nas escolas é tratado com descaso ao ser ministrado por professores que só enfatizam aspectos negativos da África, invalidando toda a contribuição cultural e construção identitária que o povo negro agrega ao nosso Brasil.

Assim, a Lei Federal 10.639/03 é implementada para dar respostas às muitas lutas e resistências de movimentos negros e movimentos sociais, concretizando a obrigatoriedade da integração da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Já que é na escola que se inicia a construção de caráter e que se trabalha a construção do outro. Com essa lei o povo preto passa a ser reconhecido e valorizado como parte de nossas raízes, desmistificando padrões eurocêntricos e auxiliando em nossa construção identitária. Assim, faz-se possível a realização de programas que encorajem o senso crítico, as reflexões e as indagações dos alunos construindo uma perspectiva mais realista sob a identidade cultural do nosso país.

Faz-se necessário a compreensão de que ao assistente social que atua na área socioeducativa, formule, acompanhe, monitore e desenvolva políticas públicas e sociais que assegurem o cumprimento dos princípios do código de ética profissional. Assim, entende-se como “atribuições funcionais” do assistente social inserido no socioeducativo a importância de um trabalho coletivo e democrático na busca pelo direito a aprendizagem, a construção da realidade e a percepção de si como sujeito de possibilidades. Engenhando um caminho de entendimento teórico, mas também de intervenção efetiva nessa realidade, por meio de políticas sociais objetivas a essa expressão da “questão social”, na atual fase do capitalismo.

A construção desse projeto e incorporado no campo de estágio propicia com que, tanto os estagiários como os profissionais da área assimilem a realidade em que estão introduzidos no que diz respeito ao território, ao perfil dos usuários e as demandas, assim como os limites de atuação profissional. A proposta de execução desse trabalho é de contribuir e refletir sobre os usuários e com os profissionais da instituição sobre o sistema social em que estão inseridos, e como o cenário de desgoverno político e econômico está cada vez mais desfavorável às questões raciais e como isso se aplica as políticas sociais. Uma conjuntura de retrocessos de direitos que fragmenta e focaliza ainda mais os recursos financeiros da instituição e, assim, afetam o alcance desses sujeitos como agentes de transformação.

Apoiada por minhas observações pessoais ao longo do trabalho pude notar que a nossa sociedade é embasada por essa ideologia arcaica pelo fato de lhes faltar conhecimento. Por essa razão, não apenas os (as) assistentes sociais, mas também professores, orientadores educacionais, entre outros, precisam estar qualificados com uma preparação específica sobre a temática, para dar origem a essa desconstrução, pois não há mudanças sem as ferramentas necessárias.

Após tantos pressupostos, adquiri capacidade para rever meus motivos acerca da realização desse projeto de intervenção e, conseqüentemente, do meu intuito em apresenta-lo nesse trabalho de conclusão de curso, assim como também revi a minha decisão em adentrar na profissão como assistente social. Ao seguir com as aulas e rodas de conversas ministradas na instituição Casa da Criança de Caraguatatuba, tive potencial de me sentir e me reconhecer como agente de transformação nessa história, uma personalidade da cultura afro-brasileira e que não está distante do meu eu. Pertencemos a mesma sociedade, partilhamos da mesma cultura e, diante desses pensamentos, não me sinto mais a mesma, as intenções e os valores agregados já não são mais os mesmos, porque mudanças são constantes ao longo da jornada. A Beatriz que introduziu esse projeto não é mais a mesma que vos escreve neste trabalho e provavelmente não será a mesma Beatriz ao concluir e apresentar este trabalho, pois estamos em constante transformação!

Por fim, é inequívoco que este projeto de intervenção não estabeleça um fim as discriminações raciais e, muito menos, entrega de bandeja o amor próprio a estes jovens. No entanto, pode-se utiliza-lo para plantar a semente da conscientização

racial para que, no futuro próximo, todos possam colher bons frutos, pois os jovens de hoje representarão as respostas do amanhã, assim, devemos contribuir para que esse amanhã seja um futuro melhor.

#### 4. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/b7Z47VbMMmvPQwWhbHfdkpr/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2022;

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018. Disponível em: <[https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_est\\_rutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_est_rutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf)>. Acesso em: 25 de agosto de 2022;

ARAÚJO, Ítalo. O racismo e a apropriação cultural no mundo da música. **Medium**, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@itoaraujo/o-racismo-velado-no-mundo-da-m%C3%BAsica-70e1e434e0f8>>. Acesso em: 08 de agosto de 2022;

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <https://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2022;

BEZERRA, Antonio Maicon Batista. **Lutas e resistência indígenas no período colonial: miscigenação e etnificação, novas abordagens para o ensino de história. DAS AMAZÔNIAS**, Rio Branco – Acre, v.1, n.1, (ago-dez) 2018, p. 15-27. Disponível em:<<https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/download/2274/1283/5180>>. Acesso em: 25 de agosto de 2022;

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Orientações técnicas sobre o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos pra crianças e adolescentes de 6 a 15 anos. Prioridade para crianças e adolescentes integrantes do programa de erradicação do trabalho infantil. Editora ISBN, 2010. Pág. 132;

CÓDIGO DE ÉTICA DO/A ASSISTENTE SOCIAL. **CFESS – Conselho Federal de Serviço Social**. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf)>. Acesso em: 21 de mar. de 2021;

Código de Ética do/a Assistente Social. **CFESS**, São Paulo. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf)>. Acesso em: 21 de mar. de 2021;

CORONAVÍRUS: e quem trabalha na política de assistência social? **CFESS – Conselho Federal de Serviço Social**. Conselho Federal de Serviço Social. 18 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1717>. Acesso em: 16 de julho de 2021;

EURICO, Márcia Campos. **PRETA, PRETA, PRETINHA**: o racismo institucional no cotidiano de crianças e adolescentes negras (os) acolhidos (as). 2018. 1 v. Tese (doutorado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2018;

EMICIDA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa551243/emicida>>. Verbetes da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7. Acesso em: 19 de Set. 2020;

FERNANDES, Cristina. O pacto da branquitude, por Cida Bento. **CEERT**, 2022. Disponível em: <[https://ceert.org.br/noticias/44659/livro-o-pacto-da-branquitude-e-lancado-em-debate-virtual-organizado-pela-companhia-das-letras-e-folha-de-spaulo?qclid=Cj0KCQjwy5maBhDdARIsAMxrkw06-NTEz0ryyCdG6wM0D09\\_34sm2jpyP-DcOI5lt62q\\_IVdcr1wqUMaAuPbEALw\\_wcB](https://ceert.org.br/noticias/44659/livro-o-pacto-da-branquitude-e-lancado-em-debate-virtual-organizado-pela-companhia-das-letras-e-folha-de-spaulo?qclid=Cj0KCQjwy5maBhDdARIsAMxrkw06-NTEz0ryyCdG6wM0D09_34sm2jpyP-DcOI5lt62q_IVdcr1wqUMaAuPbEALw_wcB)>.

Acesso em: 12 de outubro de 2022;

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <[http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_textos\\_sociologia/Negra.pdf](http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf)>.

Acesso em: 10 de agosto de 2022;

GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1999;

HOOKS, Bell. **Olhares negros, raça e representação**. Ed. Elefante. 2019;

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés. 09 de março de 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2021;

IAMAMOTO e CARVALHO, Marilda Villela e Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 11ª Ed. São Paulo: Cortez (1996);

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 25. Ed. São Paulo, Cortez, 2014;

L10639. **Planalto**, 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=A%20letra%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=A%20letra%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs)>. Acesso em: 10 de outubro de 2022;

LDB alterada pela Lei 10639/2003. Disponível em: <[https://www.ceert.org.br/programas/educacao/lei?gclid=EAlaIQobChMI6LTDu8yz9AIVFUqGCh0xfgmVEAAYASAAEqKYbPD\\_BwE](https://www.ceert.org.br/programas/educacao/lei?gclid=EAlaIQobChMI6LTDu8yz9AIVFUqGCh0xfgmVEAAYASAAEqKYbPD_BwE)>. Acesso em: 07 de Dez. de 2021;

LIMA, R. C. C. **Perspectivas para elaboração de um Projeto de Intervenção à luz do Projeto Profissional Hegemônico**. In: Luis Eduardo Acosta; Maria Angélica Pereira da Silva. (Org.). **Trabalho social: estudos sobre prática e exercício profissional dos assistentes sociais**. 1ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2014, v. 1, p. 181-204;

MAGALHÃES, Carlos Henrique Ferreira. **A estética de Georg Lukács: pressupostos para a prática escolar**. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, RS, v. 25, Dossiê, 2020, p. 142-154;

MATOS, Édila Maria dos Santos. **Cachear e Encrespar: moda ou resistência?** Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em *blogs*. 2015.

Monografia (graduação) – Curso de Comunicação Organizacional, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, novembro de 2015; Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12124/1/2015\\_EdilaMariadosSantosMatos.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12124/1/2015_EdilaMariadosSantosMatos.pdf)>. Acesso em: 06 de junho de 2022;

MEDROA, Camila. SASSO, Nathalia. Lei 10.639 completa 15 anos na educação brasileira ainda com dificuldades de implantação. **Humanista: jornalismo e direitos humanos**, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/09/10/lei-10-639-completa-15-anos-na-educacao-brasileira-ainda-com-dificuldades-de-implantacao/>>. Acesso em: 22 de agosto de 2022;

MELO, Rodrigo Bezerra de. SILVEIRA, Matheus. Inciso XLII – Criminalização do Racismo. **Politize**, 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/artigo-5/criminalizacao-do-racismo/>>. Acesso em: 05 de setembro de 2022;

NOVEMBRO NEGRO: CONHEÇA ALGUMAS EXPRESSÕES RACISTAS E SEUS SIGNIFICADOS. **SEDH (Secretaria de Estado de Direitos Humanos - ES)**, 2020. Disponível em: <<https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/novembro-negro-conheca-algumas-expressoes-racistas-e-seus-significados>>. Acesso em: 03 de agosto de 2022;

O CFESS. **CFESS – Conselho Federal de Serviço Social**. Disponível em: <[https://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/o-cfess#:~:text=O%20Conselho%20Federal%20de%20Servi%C3%A7o,de%20Servi%C3%A7o%20Social%20\(CRESS\)](https://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/o-cfess#:~:text=O%20Conselho%20Federal%20de%20Servi%C3%A7o,de%20Servi%C3%A7o%20Social%20(CRESS))>. Acesso em: 09 de setembro de 2022;

OLIVEIRA, Paulo Edison de. **O sistema de classificação de cor e raça do estado brasileiro na formação de identidade afro-brasileira**. Dissertação (mestrado) – Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/20737/2/Paulo%20Edison%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 19 de agosto de 2022;

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira 1976. Disponível em: <<http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aoliveira-1976->

identidade/Oliveira\_1976\_IdentidadeEtniaEEstruturaSocial.pdf>. Acesso em: 10 de agosto de 2022;

PACHECO, Lwdmila Constant. **Identidades:** interface entre religião e negritude. Orientadora: Dalila Xavier de França. 162 f. 2010. TCC (Mestrado) – Programa de pós graduação em psicologia social, Centro de Ciências de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão – Sergipe, 2010; Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6029/1/LWDMILA\\_CONSTANT\\_PACHECO.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6029/1/LWDMILA_CONSTANT_PACHECO.pdf)>.

Acesso em: 28 de maio de 2022;

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>>. Acesso em: 24 de agosto de 2022;

PRESSE, France. África exige da Europa restituição de tesouros roubados. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/africa-exige-da-europa-restituicao-de-tesouros-roubados.ghtml>>. Acesso em: 07 de dezembro de 2021;

RAMOS, Lediane Pereira. **Justificativas da Igreja Católica para o Escravagismo:** no Brasil Colônia. Revista Ibero – Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v. 7.n.9. set. 2021;

RODA DE CAPOEIRA. **IPHAN.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66#:~:text=Patrim%C3%B4nio%20Cultural%20Imaterial%20da%20Humanidade,Patrim%C3%B4nio%20Cultural%20Imaterial%20da%20Humanidade>>. Acesso em: 03 de agosto de 2022;

Regulamentação da profissão Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993. **CFESS**, Brasília, 7 de Junho de 1993. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/legislacao\\_lei\\_8662.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/legislacao_lei_8662.pdf)>. Acesso em: 21 de mar. de 2021;

SANTOS, Rafael Conceição. Quem roubou a autoestima do Baco Exu do Blues. **Assembleia Popular**, 2022. Disponível em: <<https://www.assembleiapopular.com.br/post/quem-roubou-a-autoestima-de-baco-exu-do-blues>>. Acesso em: 03 de agosto de 2022;

SILVA, Priscila Thainara de Jesus da. **Luta e resistência no Brasil colonial: desconstrução da África para construção da identidade brasileira**. TCC (graduação) – Curso de Especialização em História da África, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, 2017;

SOUZA, Roger. Dança africana – Origem e importância. **Mundo da dança**. Disponível em: <<https://www.mundodadanca.art.br/2010/06/danca-africana-origem-e-importancia.html>>. Acesso em: 12 de julho de 2022;

TELES, Jocélio. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnica**. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/SsggKdrBLzJ49qXkpBgkmmB/?lang=pt>>. Acesso em: 11 de agosto de 2022;

TISSOT, Larissa Marsolik. **O Serviço Social e a Prática Socioeducativa**. IV Congresso Paranaense de Assistentes Sociais, CREES-PR. 2009. Disponível em: <<https://cresspr.org.br/2012/09/20/o-servico-social-e-a-pratica-socioeducativa/>>. Acesso em: 21 de junho de 2022;

VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. **Tópicos sobre o papel da Igreja em relação à escravidão e religião negra no Brasil**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, Fasa/Recife, v. IV, n.04, p. 35-51, 2005. Disponível em: <<http://www.unicap.br/revistas/teologia/edicoes/teologia2005.pdf>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

## 5. REFERENCIAS MUSICAIS

ARAGÃO, Jorge. Identidade. In: ARAGÃO, Jorge. **Chorando estrelas**. Som Livre, 1992. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=n7LqrGUBDF0&ab\\_channel=Bigodesummerbeachsamba1](https://www.youtube.com/watch?v=n7LqrGUBDF0&ab_channel=Bigodesummerbeachsamba1)>. Acesso em: 06 de Junho de 2022;

BLACK, Bill. MOORE, Scotty.PRESLEY, Elvis. That's All Right. In: CRUDUP, Arthur. **Single**. Sun Records, 1954. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DCP\\_g7X31nl&ab\\_channel=ElvisPresleyVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=DCP_g7X31nl&ab_channel=ElvisPresleyVEVO)>. Acesso em: 08 de agosto de 2022;

BLUES, Baco Exu do. Autoestima. In: BLUES, Baco Exu do. **Quantas Vezes Você Já Foi Amado?** 999, 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE&ab\\_channel=BACOEXUDOBLUES](https://www.youtube.com/watch?v=5Zj9aef2AEE&ab_channel=BACOEXUDOBLUES)>. Acesso em: 06 de Junho de 2022;

BLUES, Baco Exu do. Sinto Tanta Raiva. In: BLUES, Baco Exu do. **Quantas Vezes Você Já Foi Amado?** 999, 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9H195BEIHZ4&ab\\_channel=BACOEXUDOBLUES](https://www.youtube.com/watch?v=9H195BEIHZ4&ab_channel=BACOEXUDOBLUES)>. Acesso em: 06 de Junho de 2022;

CRUDUP, Arthur "big boy". That's All Right, Mama. In: CRUDUP, Arthur. **That's All Right**. RCA, 1946. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=uxHQUvCkV20&ab\\_channel=ElvisOriginals](https://www.youtube.com/watch?v=uxHQUvCkV20&ab_channel=ElvisOriginals). Acesso em: 08 de agosto de 2022;

DUARTE, Washington. Eu Sou. In: DUARTE, Washington. **Eu Sou**. WDOOFICIAL, 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp\\_HYsbl&ab\\_channel=WDOFICIAL](https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp_HYsbl&ab_channel=WDOFICIAL)>. Acesso em: 06 de Junho de 2022;

EMICIDA. Pantera Negra. In: EMICIDA. VASSÃO, Felipe. **AmarElo – Ao Vivo**. Lab Fantasma, 2018. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Xi1BfosGv2E&ab\\_channel=Emicida](https://www.youtube.com/watch?v=Xi1BfosGv2E&ab_channel=Emicida)>. Acesso em: 07 de dezembro de 2021;

SHAKIRA. Waka Waka (This Time for Africa). In: SOUNDS, Golden. HILL, John. SHAKIRA. **Listen Up!; Sale el sol.** Epic, 2010. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pRpeEdMmmQ0&ab\\_channel=shakiraVEVO](https://www.youtube.com/watch?v=pRpeEdMmmQ0&ab_channel=shakiraVEVO).

Acesso em: 27 de Julho de 2022;

SOARES, Elza. REBECCA, MC. A coisa tá preta. In. TAVARES, Umberto. JUNIOR, Jefferson. **Singles/EP.** Sony Music Brasil, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=aiKdLiic0wU&ab\\_channel=RebeccaOficial](https://www.youtube.com/watch?v=aiKdLiic0wU&ab_channel=RebeccaOficial).

Acesso em: 06 de Junho de 2022.